

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) MILTON AUGUSTO PEREIRA DE SOUZA

OPERAÇÕES RIBEIRINHAS:

estudo comparativo entre o emprego de meios do *United States Marine Corps* e da *United States Navy* na Guerra do Iraque entre 2003 e 2011 e o emprego de meios da *Armada de la Republica de Colombia* no conflito armado interno entre 2000 e 2010.

Rio de Janeiro

2020

CC (FN) MILTON AUGUSTO PEREIRA DE SOUZA

OPERAÇÕES RIBEIRINHAS:

estudo comparativo entre o emprego de meios do *United States Marine Corps* e da *United States Navy* na Guerra do Iraque entre 2003 e 2011 e o emprego de meios da Armada de la *Republica de Colombia* no conflito armado interno entre 2000 e 2010.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CC (FN) Adler Cardoso Ferreira

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2020

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por permitir que eu tenha chegado até o presente momento com saúde e constante disposição para seguir minha vocação na defesa da Pátria.

Aos meus orientadores, CMG(FN) Victor Abreu e CC(FN) Adler, pelas valiosas orientações e incansável disponibilidade em ajudar a construir este trabalho.

À minha esposa, Paula, e às minhas filhas Gabrielle, Manuela e Sophie, pelo amor e compreensão que sempre me dispensaram e por compreenderem minha dedicação a este trabalho.

Aos meus tios, Uilson e Lúcia, pelo apoio a mim e a minha família prestados durante a fase de estudo.

Aos meus companheiros de turma CC(FN) Cunha Brandão e CC Leonardo Carneiro pelo apoio e atenção.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a pesquisa e elucidação das similaridades e singularidades, por meio de estudo comparativo, do emprego de meios dos *United States Marine Corps* e *United States Navy* nas Operações Ribeirinhas realizadas na Guerra do Iraque no período entre os anos de 2003 e 2011 e da *Armada de la República de Colombia* nas Operações Ribeirinhas realizadas conflito armado interno na Colômbia, no período entre os anos 2000 e 2010. Por meio da análise do emprego dos meios em relação às concepções estratégicas utilizadas pelas Marinhas durante os conflitos, às Áreas Ribeirinhas onde foram realizadas as operações, às ameaças insurgentes combatidas e meios empregados, evidenciou-se as similaridades e singularidades. Identificou-se como similaridades o emprego de lanchas de combate velozes, artilhadas e com proteção balística. Constatou-se, também singularidades no versátil emprego das *Riverines Squadrons*, assim como para Operações Ribeirinhas realizadas em prol da Segurança Interna da Colômbia, verificou-se singularidades no emprego dos meios da *Brigada Fluvial de Infantéria de Marina*.

**Palavras-chave:** Operações Ribeirinhas. Lanchas de Combate. *Riverine Squadrons*. *Brigada Fluvial de Infantéria de Marina*.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Bacia Hidrográfica Eufrates e Tigre.....	55
FIGURA 2 - Mapa de grupos étnicos religiosos do Iraque.....	55
FIGURA 3 - Triângulo Sunita.....	56
FIGURA 4 - Área de Operações da I MEF.....	56
FIGURA 5 - Organograma da <i>Small Craft Company</i> .....	57
FIGURA 6 - <i>Combat Rubber Raiding Craft</i> .....	57
FIGURA 7 - <i>Small Unit Riverine Craft (SURC) / Riverine Patrol Boat (RPB)</i> .....	58
FIGURA 8 - Organograma do <i>Naval Expeditionary Combat Command</i> .....	58
FIGURA 9 - Organograma dos <i>Riverine Squadrons</i> .....	59
FIGURA 10 - Bacias Hidrográficas da Colômbia.....	59
FIGURA 11 - Desdobramento das <i>Brigadas Fluviales de Infantéria de Marina</i> .....	60
FIGURA 12 - Organização da <i>Brigada Fluvial de Infantéria de Marina</i> .....	60
FIGURA 13 - <i>Patrulleras de Apoyo Fluvial Pesado</i> .....	61
FIGURA 14 - <i>Elemento de Combate Fluvial</i> .....	61

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - <i>Riverine Mission Essential Task List (METL)</i> .....	62
---	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AJB -	Águas de Jurisdicionais Brasileiras
ARC -	<i>Armada de la Republica de Colombia</i>
ARib -	Área Ribeirinha
BCAIM -	<i>Batallón de Comando y Apoyo de Infantéria de Marina</i>
BFIM -	<i>Batallón de Fluvial de Infantéria de Marina</i>
BRFIM -	<i>Brigada Fluvial de Infantéria de Marina</i>
C2 -	Comando e Controle
CNUDM -	Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar
DSU -	<i>Dam Security Unity</i>
ECT -	<i>Elemento de Combate Fluvial</i>
EMAF-	<i>Estaciones Móviles de Apoyo Fluvial</i>
EUA -	Estados Unidos da América
GAF -	<i>Grupo de Asalto Fluvial</i>
GCF -	<i>Grupo de Combate Fluvial</i>
IM -	<i>Infantéria de Marina</i>
MAGTAF -	<i>Marine Air Ground Task-Force</i>
MRF -	<i>Mobile Riverine Force</i>
NECC -	<i>Naval Expeditionary Combat Command</i>
NSW -	<i>Naval Special Warfare Command</i>
OIF -	<i>Operation Iraqi Freedom</i>
PAFP -	<i>Patrullera de Apoyo Fluvial Pesada</i>
PFA -	<i>Puesto Fluvial Avanzado</i>
PAFL -	<i>Patrullera de Apoyo Fluvial Liviana</i>

RAC -	<i>Riverine Assault Boat</i>
RCB -	<i>Riverine Command Boat</i>
RPB -	<i>Riverine Patrol Boat</i>
SCCo -	<i>Small Craft Company</i>
SURC -	<i>Small Unit Riverine Craft</i>
US Army -	<i>United States Army</i>
USGC -	<i>United States Guard Coast</i>
USMC -	<i>United States Marine Corps</i>
USN -	<i>United States Navy</i>
ZEE -	Zona Econômica Exclusiva



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>BASES CONCEITUAIS DOCTRINÁRIAS</b> .....	<b>12</b>
2.1	Conceitos de Operações Ribeirinhas do USMC e da USN .....	12
2.2	Conceitos de Operações Ribeirinhas da ARC .....	17
<b>3</b>	<b>OPERAÇÕES RIBEIRINHAS NA GUERRA DO IRAQUE (2003-2011)</b> .....	<b>20</b>
3.1	A Área Ribeirinha Iraquiana e as Ameaças Insurgentes .....	22
3.2	O Emprego de Meios do USMC .....	25
3.3	O Emprego de Meios da USN .....	32
<b>4</b>	<b>OPERAÇÕES RIBEIRINHAS NO CONFLITO ARMADO INTERNO NA COLÔMBIA (2000-2010)</b> .....	<b>38</b>
4.1	Breve Histórico .....	38
4.2	A Área Ribeirinha Colombiana .....	40
4.3	O Emprego de Meios da ARC .....	41
<b>5</b>	<b>ANÁLISE COMPARATIVA</b> .....	<b>44</b>
5.1	O Emprego de Meios em relação às Concepções Estratégicas .....	44
5.2	O Emprego de Meios em relação às ARib .....	45
5.3	O Emprego de Meios em relação às Ameaças .....	45
5.4	Comparação dos Meios Empregados .....	46
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>48</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>52</b>
	<b>ANEXO A</b> .....	<b>55</b>
	<b>ANEXO B</b> .....	<b>62</b>

# 1 INTRODUÇÃO

A Guerra do Paraguai (1864-1870), marcou a história de guerra do Brasil, e foi caracterizada por uma campanha expedicionária, na qual a Marinha do Brasil e o Exército Brasileiro empregaram seus meios no que hoje podemos classificar como Operações Ribeirinhas, contra as forças militares paraguaias, consideradas preparadas para o combate em ambiente ribeirinho. O papel da Marinha do Brasil foi fundamental para vitória de nossas Forças, e a Batalha Naval do Riachuelo, em 1865, provou isso por meio de seus resultados decisivos, que culminaram na degradação dos meios navais paraguaios e a consolidação do Bloqueio Naval no rio do Prata.

Passados 155 anos, a Marinha do Brasil, em sua Política Naval (Brasil, 2019), estabeleceu seus Objetivos Navais, que orientarão o Planejamento Estratégico da Instituição, a fim de viabilizar o alcance de sua visão de futuro para 2039. Diante disso, observamos que as Operações Ribeirinhas poderão ser futuramente desenvolvidas no cenário nacional e internacional.

No cenário nacional, vimos que Objetivo Naval de Contribuir para Defesa da Pátria, estabelece que Força, deve estar preparada para atuar tanto numa crise interestatal, como para fiscalizar e reprimir a atuação de grupos adversos que praticam atividades ilegais nas Águas de Jurisdicionais Brasileiras (AJB), onde estão inclusos os rios das bacias Amazônica e Paraguai-Paraná (BRASIL, 2019).

No cenário internacional, verificamos que o Objetivo Naval de Apoio a Política Externa, estabelece que a Marinha do Brasil, deverá estar preparada para atender demandas de participação em Operações de Paz e Humanitárias, que podem ocorrer em ambientes ribeirinhos inseridos no entorno estratégico do Brasil, incluindo países da América do Sul e países da costa ocidental africana (BRASIL, 2019).

Além disso, a Marinha do Brasil atualmente vem implementando o emprego de

lanças de combate com poder de fogo, blindagem e velocidade em seus Batalhões Operações Ribeirinhas e Comandos de Flotilhas, o que demandará um desenvolvimento de doutrina, organização, pessoal, ensino, material, adestramento e infraestrutura, para o eficiente emprego desses meios.

Como resultado do que foi apresentado e visando a busca por conhecimentos que possam colaborar para desenvolvimento de nossa Instituição, estabelecemos como objetos de estudo, dois casos recentes de emprego de meios em Operações Ribeirinhas, realizadas por duas Marinhas experientes nesse tipo de operação. No primeiro caso, relacionado às Operações Ribeirinhas de caráter expedicionário, selecionamos o emprego de meios dos *United States Marine Corps (USMC)* e *United States Navy (USN)* na Guerra do Iraque (2003-2011). No segundo caso, relacionado às Operações Ribeirinhas realizadas no conflito armado interno, selecionamos o emprego de meios da *Armada de la Republica de Colombia* (2000-2010).

Dessa forma, o propósito deste trabalho é identificar quais foram as similaridades e as singularidades entre o emprego de meios dos USMC e USN nas Operações Ribeirinhas realizadas na Guerra do Iraque (2003-2011) e o emprego de meios da ARC nas Operações Ribeirinhas realizadas no conflito interno na Colômbia (2000-2010). Para isso, adotamos abordagem comparativa.

Buscamos limitar o espaço temporal dos objetos de estudo em períodos semelhantes, a fim de dar coerência na análise comparativa do emprego de meios. Nosso campo de abordagem limitou-se aos assuntos relativos ao emprego de meios em Operações Ribeirinhas realizadas nos dois casos, englobando a análise dos conceitos doutrinários, das organizações de combate, dos meios, das formas de emprego e a identificação dos ambientes ribeirinhos e das ameaças insurgentes.

Para atingirmos o propósito, o trabalho foi desenvolvido em seis capítulos.

Finalizado este capítulo introdutório, serão apresentados no segundo capítulo os principais conceitos doutrinários de Operações Ribeirinhas que darão consistências a compreensão do emprego de meios nos capítulos seguintes.

No terceiro capítulo, após realizarmos uma contextualização da Guerra do Iraque (2003-2011), serão identificadas as principais características do Área Ribeirinha iraquiana e as ameaças insurgentes, assim como serão evidenciados o emprego de meios dos USMC e USN nas Operações Ribeirinhas realizadas naquele conflito.

No capítulo seguinte, será apresentado um breve histórico acerca do conflito armado colombiano, onde identificaremos a participação da ARC e as ameaças insurgentes. Em seguida serão apresentadas as principais características hidrográficas da Área Ribeirinha colombiana. E por fim, serão evidenciados o emprego de meios da ARC nas Operações Ribeirinhas no conflito armado interno.

No quinto capítulo, será realizada a análise comparativa dos objetos de estudo e apresentadas as singularidades e similaridades entre eles.

Ao final, no sexto capítulo, serão apresentadas as conclusões, sugestões de possíveis linhas de pesquisas futuras, assim como sugestões de possíveis aplicabilidades de emprego de meios em nossa Marinha do Brasil.

Em seguida, iniciaremos o desenvolvimento com a apresentando a base conceitual doutrinária.

## 2 BASES CONCEITUAIS DOUTRINÁRIAS

Nesta seção apresentaremos os principais conceitos doutrinários de Operações Ribeirinhas e suas evoluções até o período dos conflitos, considerados fundamentais para compreensão dos objetos de estudo, limitando-os à análise das definições de Operações Ribeirinhas, Área Ribeirinha (ARib), sua aplicação e organizações de combate empregadas. Inicialmente, veremos os conceitos doutrinários de Operações Ribeirinhas do USMC e da USN, e em seguida os conceitos doutrinários de Operações Ribeirinhas da ARC.

### 2.1 Conceitos de Operações Ribeirinhas do USMC e da USN

Para facilitar a compreensão dos principais conceitos doutrinários de Operações Ribeirinhas do USMC e da USN, buscamos abordá-los juntos a sua evolução doutrinária. Para isso, remetemo-nos inicialmente aos conceitos da tradicional *Doctrine for Navy and Marine Corps Joint Riverine Operations* (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 1987). Baseada nos ensinamentos obtidos na Guerra do Vietnã (1961-1975), particularmente das experiências das Forças-Tarefa que operavam nos setores marítimo, terrestre e costeiros da região do Delta do Rio Mekong, com o objetivo de interromper a linha de suprimento marítimo dos insurgentes vietcongues (MAROLDA, 2006). Apesar do amplo grau de aplicação em operações de guerra e de emprego limitado da força em um ambiente ribeirinho, essa doutrina foi direcionada para as operações contraguerrilha<sup>1</sup>, cujo conceito amplo era caracterizado pelo emprego de variados tipos de navios, embarcações, aeronaves, armas do USMC e do *Naval Special Warfare Command* (NSW)<sup>2</sup>, em um esforço conjunto para estabelecer ou manter o controle de um rio, áreas costeiras ou deltas (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 1987). Tal doutrina

---

1 Operação realizada com a missão de neutralizar, destruir ou capturar a força de guerrilha inimiga e seus apoios, na área de operações, conforme o Glossário das Forças Armadas (BRASIL, 2015).

2 O *Naval Special Warfare Command* (NSW) possui a missão de prover forças de operações especiais da USN para condução de Operações de Ampla Espectro, singularmente ou em conjunto, a fim de contribuir alcance dos objetivos nacionais. Disponível em: <<https://www.nsw.navy.mil/NSW/History/>>. Acesso em: 04 jul. 2020.

estabeleceu a seguinte definição para Operações Ribeirinhas: “as Operações Ribeirinhas são conduzidas em uma área ribeirinha, para estabelecer ou manter o controle de uma hidrovia e suas áreas adjacentes, ou negar seu uso ao inimigo” (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 1987, p. 1-1 e 1-2, tradução nossa<sup>3</sup>), e as classificou em dois tipos genéricos:

1. As Operações Ribeirinhas de Assalto empregam os meios do USMC e da USN para estabelecer o controle de hidrovias, incluindo as linhas de comunicação fluvial; controlar áreas de terrestres, população e recursos; localizar e destruir forças hostis, instalações e suprimentos, e realizar segurança de base de apoio ao combate, caso necessário;
2. As Operações Ribeirinhas de Vigilância, Interdição e Segurança empregam os meios do USMC e da USN para proteger linhas de comunicação amigas, negar uso das hidrovias pelas forças hostis, coletar informações de inteligência e realizar missões de segurança e controle de população e recursos.

Em relação ao conceito de ARib, a doutrina estadunidense definiu como “uma área interior, costeira ou delta, que compreende a parte terrestre e aquática, caracterizada por linhas de comunicação limitadas, com superfície extensa de água ou vias navegáveis interiores que fornecem rotas naturais para o transporte de superfície e comunicações” (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 1987, p. 1-1, tradução nossa<sup>4</sup>).

As forças designadas para conduzir as Operações Ribeirinhas foram organizadas nas chamadas *Mobile Force Riverine* (MRF), cuja principal vantagem é sua capacidade de concentrar um conjugado de forças, para operarem na Área Ribeirinha, incluindo a capacidade de atacar alvos selecionados em todo seu interior. O caráter expedicionário das Operações Ribeirinhas implícito nessa doutrina exige que as MRF possam ser transportadas por navios anfíbios e que, quando forem conduzidas num país com restrições políticas ou de

3 No original: *Riverine operations are conducted in a riverine area to achieve and/or maintain control of a waterway system and its adjoining land areas, or to deny their use to the enemy.*

4 No original: *The riverine area is an inland, coastal, or delta area comprising both land and water, characterized by limited land lines of communication (LOCs), with extensive water surface and/or inland waterways that provide natural routes for surface transportation and communications.*

segurança em relação ao estabelecimento de forças estadunidenses em terra, serão estabelecidas Bases de Apoio Flutuantes. A doutrina ainda frisa que as Operações Ribeirinhas são separadas e distintas das Operações Anfíbias, mas podem ser iniciadas por meio delas ou podem ocorrer concomitantemente a elas (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 1987).

Após a Guerra do Vietnã, as Forças Armadas dos Estados Unidos da América (EUA), envolvidas ainda com a Guerra Fria (1946-1991), tiveram que priorizar suas atividades de defesa diante das limitações orçamentárias, o que refletiu numa significativa mudança nas Forças Ribeirinhas estadunidenses. Em 1990, foi desenvolvido pelo Almirante George Worthigton, a época, Comandante do *Naval Special Warfare Command*, um estudo sobre o conceito operacional e de treinamento conjunto entre o USMC e a USN, visando colocar em prática a capacidade de assalto ribeirinho empregando os meios das Forças Navais existentes. O resultado do estudo foi o estabelecimento de uma nova estrutura de MRF, que englobava um Componente de Comando, uma *Marine Air Ground Task-Force* (MAGTF)<sup>5</sup> valor batalhão e um *Riverine Assault Group* (RAG)<sup>6</sup>, e incluía meios de superfície, aéreos e terrestres, além de elementos de apoio ao combate e de apoio ao serviço de combate (MALDONADO, 2018).

Durante a década de 90, a USN alterou gradativamente a capacidade ribeirinha<sup>7</sup> da *Mobile Riverines Force* proposta pelo Almirante Worthigton, passando a concentrar o emprego de seus meios em atividades de operações especiais, operando assim, de forma não convencional. Com isso, o USMC buscou desenvolver sua própria capacidade ribeirinha, formando inicialmente em 1989, seu pelotão *Riverine Assault Craft*, que se tornou em 1992, a *Small Combat Craft Company* (SCCo). No governo do Presidente George Bush, o USMC foi

---

5 A MAGTF é uma estrutura organizacional flexível do USMC, projetada especificamente, para o emprego rápido de forças por via aérea, terrestre ou marítima, ao redor do mundo a qualquer momento. A MAGTF é organização por tarefa, análoga aos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil.

6 Os *Riverine Assault Group* (RAG) integravam as *Mobile Force Riverine* e eram compostos normalmente por um Elemento de comando, controle e comunicações, Embarcações de transporte de tropas e suprimentos, Navios de Escolta, Navios Varredores e Embarcações de Apoio de Fogo (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 1987, p. 2-3)

7 Capacidade de realizar Operações Ribeirinhas.

empregada no combate contra o narcotráfico na Colômbia, Peru e Bolívia, por meio de programas de assistência militar e econômica. Na Colômbia, cujas atividades de narcotraficantes e de forças guerrilheiras eram mais intensas, o USMC encaminhou equipes de treinamento, com o objetivo de desenvolver uma forte capacidade ribeirinha na ARC, por meio de treinamentos avançados e emprego de meios de combate (BELBOW et al, 2006; MALDONADO, 2018).

No início do Século 21, foram observadas fragilidades na capacidade ribeirinha do USN e USMC, principalmente devido ao reduzido preparo e emprego conjunto de seus meios em Operações Ribeirinhas, nos anos que sucederam a Guerra do Vietnã, causando uma impactante perda da interoperabilidade entre essas Forças. A Guerra do Iraque, em 2003, revelou tais fragilidades, pois não havia doutrina tática atualizada e vinculada com conceito de interoperabilidade, considerado fundamental nas operações conjuntas realizadas. Essas operações foram concentradas num ambiente costeiro, localizado entre o ambiente marítimo e terrestre, e demandava uma eficaz integração das MAGTAF do USMC e os *Riverine Groups* do USN. Após a invasão do Iraque em 2003, as Operações Ribeirinhas vieram à tona de forma limitada, se comparada à Guerra do Vietnã (MALDONADO, 2018).

Com as mudanças estratégicas da USN e do USMC no início do Século 21, decorrentes da eclosão da Guerra Global ao Terrorismo, as Operações Ribeirinhas tiveram mudanças significativas no campo doutrinário.

Em 2006, a USN regenerou sua capacidade ribeirinha criando o *Naval Expeditionary Combat Command* (NECC)<sup>8</sup>, provido de capacidade operacional híbrida de combate costeiro e ribeirinho e empregou seu *Riverine Group* no Iraque. Essa mudança foi nortada pelo *Concept Naval Operations* de 2006, conforme podemos ver em seu trecho:

---

8 O NECC é responsável pela organização, tripulação, treinamento, equipamento e manutenção da Força expedicionária de Combate (NECF) da USN para executar missões de combate, apoio de combate e serviço de combate em todo o espectro de operações navais, conjuntas e combinadas que permitem o acesso do mar e a liberdade de ação em todos os ambientes operacionais do mar para costa e interiores. A *Costal Riverine Force* faz parte do NECC. Disponível em: < <https://www.public.navy.mil/necc/Pages/default.aspx>>. Acesso em: 04 jul. 2020.



As Operações Ribeirinhas conduzirão Operações de Segurança Marítima e de Cooperação de Segurança Teatral em uma Área Ribeirinha de Operação, que podem incluir: áreas de segurança para operações militares ou comerciais, prevenção do fluxo de contrabando, permitindo operações de projeção de energia, exercícios conjuntos, bilaterais, intercâmbio de pessoal e assistência humanitária. A força será capaz de combater as forças ribeirinhas inimigas, aplicando fogos diretos ou apoiando. Três *Riverine Squadrons* sob um comandante do *Riverine* servem como uma Força pronta para o Comandante de Componentes Marítimos das Forças Conjuntas. Cada *Riverine Squadrons* consiste em embarcações especialmente projetadas configuradas para operar em um ambiente ribeirinho hostil. As embarcações terão várias tripulações para operações quase contínuas e capacidade de elevação para uma pequena unidade tática. Pessoal, treinamento e equipamentos apoiarão operações versus uma ameaça de nível II, e incluirão Comando, Controle, Comunicações, Tecnologia das Informações e Inteligência, Proteção da Força e Logística orgânicos. (SANDWAY, 2010, p. 7-8, tradução nossa<sup>9</sup>)

Em 2010, o USMC cancelou a *Doctrine for Navy and Marines Corps Joint Riverine Operations* (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 1987), e resolveu provisoriamente adotar a publicação *Naval Tactics, Techniques, and Procedures Riverine Operation* (NTTP) 31-06-1, de 2008, sendo considerada até o momento a base doutrinária tática da USN e USMC (STOLZENBURG, 2008).

A NTTP 31-06-1 foi construída em prol das operações realizadas pelos *Riverine Groups* do USN, empregados no Iraque, e tinha como propósito estabelecer táticas, técnicas e procedimentos para os líderes e comandantes de pequenas unidades planejarem e conduzirem Operações Ribeirinhas que englobam apoio de fogo, movimentos com lanchas, operações de combate, operações de vigilância, interdição e segurança (STOLZENBURG, 2008). A publicação também estabeleceu uma nova definição Operações Ribeirinhas como:

As Forças Ribeirinhas realizam Operações Ribeirinhas, concentrando-se especificamente no (MSO<sup>10</sup>), negando a um inimigo o uso de vias navegáveis e impedindo que um inimigo interfira com operações marítimas ou terrestres. O Ambiente Operacional Planejado de Segurança Marítima Ribeirinha inclui lagos, rios, portos e

9 No original: *Riverine operations will conduct maritime security and theater security cooperation operations in a River-ine area of operation, which may include: securing areas for military or commerce operations, preventing flow of contraband, enabling power projection operations, joint, bi-lateral exercises, personnel exchanges, and humanitarian assistance. The force will be capable of combating enemy Riverine forces, by applying direct or supporting fires. Three Riverine Squadrons under one Riverine Group Commander serve as a ready force for the Joint Forces Maritime Component Commander. Each Riverine Squadron consists of specially designed craft configured to operate in a hostile Riverine environment. Watercrafts will have multiple crews for near continuous operations and lift capacity for a small tactical unit.*

10 Acrônimo em inglês para *Maritime Security Operations* - Operações de Segurança Marítima (tradução nossa). São operações que visam a proteção da soberania e dos recursos marítimos e combate ao terrorismo marítimo, a proliferação de armas, o crime transnacional, a pirataria, a destruição ambiental e a migração ilegal do mar (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2018).

deltas das regiões litorâneas e interiores, para combater ameaças atuais e emergentes dentro dessas regiões. (STOLZENBURG, 2008, p. 53, tradução nossa<sup>11</sup>).

Dentre as principais mudanças no conceito de Operações Ribeirinhas, podemos notar a ausência de definição de ARib e da tarefa relacionada a seu controle, assim como a adoção do conceito genérico e mais flexível de ambiente operacional planejado e a vinculação da Operação Ribeirinha a uma Operação de Segurança Marítima. Apesar do emprego de força das Forças Ribeirinhas, passar a ser considerado mais limitado, a nova doutrina as considera operando no amplo espectro das operações e lista em sua *Riverine Mission Essential Task List* (METL), transcritas neste trabalho na TAB.1 no anexo B, uma variedade de ações táticas e operações que as Forças Ribeirinhas podem executar, corroborando assim para entendimento do emprego de meios da USN na Guerra do Iraque (STOLZENBURG, 2008).

## 2.2 Conceitos de Operações Ribeirinhas da ARC

A Doutrina de Operações Ribeirinhas da ARC, conhecida na Colômbia como *Operaciones Fluviales*, foi criada com base no esforço estratégico da Colômbia nos anos 1990, que visava o combate ao narcotráfico e às forças guerrilheiras, com a importante cooperação militar e econômica dos EUA, conhecida como Plano Colômbia<sup>12</sup>. A ARC passou então a receber em sua *Brigada Fluvial de Infantéria de Marina*, localizada na cidade de Porto Leguízimo, no Rio Puntomayo, treinamento especializado de Operações Ribeirinhas pelas equipes de treinamento do *U.S. Southern Command* (SOUTHCOM)<sup>13</sup> (ESCOLA

11 No original: *Riverine forces conduct riverine operations, specifically concentrating on MSO by denying an enemy the use of navigable waterways and preventing an enemy from interfering with maritime or land operations. The riverine maritime security planned operating environment (POE) includes lakes, rivers, harbors, and deltas in both littoral and inland regions to counter current and emergent threats within those regions.*

12 O Plano Colômbia como instrumento da política norte-americana para a América Latina e suas consequências, p. 80 a 88. Marcio Pereira Rippel, Revista da Escola de Guerra Naval, nº 07, Rio de Janeiro, 2006. (Disponível em: <<https://revista.egn.mar.mil.br/index.php/revistadaegn/article/view/446>>. Acesso em: 8 jul. 2020).

13 A SOUTHCOM é responsável por fornecer planejamento de contingência, operações e cooperação de segurança em sua área de responsabilidade atribuída, que inclui: América Central, América do Sul, Caribe

SUPERIOR DE GUERRA NAVAL, 2006), proporcionando uma vasta experiência em combate fluvial contra narco-insurgentes, o contribuiu para evolução de sua doutrina.

Esta subseção utilizou como base doutrinária, os conceitos contidos na terceira revisão do *Manual de Operaciones Fluviales de Infantería de Marina*, cuja abordagem das técnicas, táticas e procedimentos encontram-se inseridas no contexto das Operações Con-juntas (COLÔMBIA, 2006). O primeiro o conceito abordado pelo manual, é o referente à Arib, denominado na doutrina colombiana como *area fluvial*:

[...área interna ou fluviomarinha (zonas de intercâmbio ou mistura de águas marinhas e fluviais), caracterizada pela limitação de canais de comunicação terrestre, extensos canais marítimos ou fluviais que fornecem rotas naturais de transporte e comunicação. Pode ser constituído por rios, ilhas, áreas de um delta, margens de rios, áreas de terrestres perto dos rios, lagos, lagoas, pântanos e canais. (COLÔMBIA, 2006, p.8, tradução nossa<sup>14</sup>).

Nota-se que Área Fluvial contempla também as regiões do delta dos rios, mas também não define seus limites espaciais e jurisdicional em termos de soberania. Enquanto ao conceito de Operações Ribeirinhas, a doutrina colombiana definiu como “aquelas desenvolvidas para exercer o controle dos rios navegáveis, garantir a livre navegação e o tráfego fluvial, negar seu uso ao inimigo e contribuir para o exercício da soberania nas áreas de fronteira dos rios” (COLÔMBIA, 2006, p. 60, tradução nossa<sup>15</sup>). Podemos então constatar, que sua definição não foi inserido diretamente o conceito de ARib, mas vincula suas tarefas exclusivamente para ambiente fluvial da Colômbia.

Outro ponto que merece destaque, refere-se ao seu campo de aplicação que engloba a execução e desenvolvimento de operações em guerras convencionais e guerras irregulares<sup>16</sup>. As Operações Ribeirinhas realizadas pela ARC foram divididas em três tipos :

(exceto comunidades, territórios e posses dos EUA) (Disponível em: <<https://www.southcom.mil/About/>>. Acesso em: 8 jul. 2020).

14 No original: *área interna o fluviomarina (zonas de intercambio o mezcla de aguas marianas y fluviales), caracterizada por la limitación de vías de comunicación terrestre, mar extenso o vías fluvia-les internas que proveen rutas naturales de transporte y comunicación. Puede estar compuesta por ríos, islas, áreas de un delta, riberas de los ríos, áreas terrestres cercanas a los ríos, lagos, lagunas, ciénagas, pantanos y canales.*

15 No original: *Son aquellas que se desarrollan para ejercer control de los ríos navegables, garantizar la libre navegación y el tráfico fluvial, negar su uso al enemigo y contribuir al ejercicio de la soberanía en las áreas de frontera fluvial.*

16 Guerra Irregular é um conflito armado executado por forças não regulares ou por forças regulares

1. Operações de Assalto Fluvial, são ataques rápidos lançados por unidades fluviais (lanchas) contra forças inimigas localizadas em uma margem do rio;
2. Operações de Vigilância, Interdição e Segurança, são aquelas realizadas para exercer o controle dos rios navegáveis proporcionando segurança, garantindo a livre navegação do tráfego fluvial e negando a sua utilização ao inimigo. Englobam o estabelecimento de bloqueio e ponto de espera, pontos de observação e escuta e escolta; e
3. Operações de Apoio, são aqueles realizados em apoio a outras forças, a fim de contribuir para o controle e neutralização das forças inimigas em um rio ou área adjacente. Podem ser Fintas ou Demonstrações para enganar o inimigo, Isolamento de áreas ou Interdição de forças inimigas, apoio à operações terrestres, fluviais ou em aéreas sob uma área de influência, área de apoio ao desenvolvimento de Operações de Ação Integral<sup>17</sup> e apoio ao Transporte de Tropa (COLÔMBIA, 2006).

Segundo a doutrina, a ARC compõe a Força Componente Fluvial nas Operações Conjuntas, que por sua vez, são constituídas por tropas de infantaria da ARC e meios fluviais oriundos das *Brigadas Fluviales de Infantéria de Marina*, dos *Batallones Fluviales de Infantéria de Marina* e seus *Puestos Avanzados Fluviales* e dos *Batallones de Asalto Fluvial*, posicionados estrategicamente na ARib colombiana. Além dessas unidades no terreno, a Força Componente Fluvial, pode também ser constituídas, temporariamente, pelos chamados *Grupos de Combate Fluvial* (GCF), que englobam um número menor de tropa e de meios fluviais dos Batalhões Fluviais (COLÔMBIA, 2006).

Apresentados os principais conceitos doutrinários, passaremos para o próximo capítulo, onde serão evidenciados o emprego de meios do USMC e da USN nas Operações

---

empregadas de forma não convencionais, contra um governo estabelecido (movimento revolucionário) ou um poder de ocupação (movimento de resistência). Engloba a guerra de guerrilhas, a subversão, a sabotagem e o apoio à fuga e evasão (BRASIL, 2015). Para este trabalho, consideramos inseridos também os movimentos de insurgência e o terrorismo.

<sup>17</sup> Consiste na realização de operações militares voltadas para estabelecimento de relações com a população civil, em geral à população vulnerável e coordenação permanente e oportuna de medidas políticas, sociais, econômicas e militares para resolver às consequências derivadas das questões relacionados a violência e insegurança nas áreas mais sensíveis do país (COLÔMBIA, 2009, p.4 e 5).

Ribeirinhas realizadas na Guerra do Iraque.

### 3 OPERAÇÕES RIBEIRINHAS NA GUERRA DO IRAQUE (2003-2011)

A Guerra do Iraque, iniciou-se em 20 março de 2003, com a execução da operação conhecida como *Iraqi Freedom Operation*, realizada pela Força de Coalizão liderada pelos EUA, cujo objetivo era ocupar o território iraquiano e derrubar do regime de governo de Sadam Hussein. A ofensiva militar dos EUA foi baseada na sua alegação de que o Iraque possuía armas de destruição em massa e teria ligação com o Grupo Terrorista Al-Qaeda<sup>18</sup> e foi desencadeada após ter sido autorizada pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), que considerou a violação da Resolução 1441<sup>19</sup> pelo Iraque.(MARSTON; MALKASIAN, 2011).

A fase inicial da *Operação Iraqi Freedom* (OIF) consistiu na ocupação do território iraquiano pelas Forças da Coalizão e durou cerca cinco semanas, resultando na derrota das forças militares iraquianas e a derrubada do governo vigente de Sadam Hussein. Logo após a ocupação, o país passou por um longo período de instabilidades, caracterizado pelo combate das tropas da Coalizão contra os violentos movimentos de insurgências. Esses movimentos de insurgência eram decorrentes principalmente de conflitos sectários e políticos entre xiitas e sunitas e atividades terroristas contra a ocupação das tropas estadunidenses. Tais ameaças, fizeram com que os EUA perdurasse com a OIF por quase nove anos, desencadeando um conjunto de operações correlatas às Operações Contrainsurgência, Operações de Contraterrorismo e Operações de Estabilização e Reconstrução realizadas pelas Forças de Coalizão no Iraque. Em 23 de dezembro de 2011, foi finalizada a Guerra do Iraque,

18 Trata-se da organização islâmica terrorista fundada por Osama bin Laden no final dos anos 80, responsável por planejar e executar ao longo dos anos diversos atentado terrorista contra os EUA, entre eles o ataque de 11 de setembro de 2001. Disponível em: < <https://www.britannica.com/topic/al-Qaeda>>.

19 A Resolução 1441 do CSNU, 2002, determinava que o Iraque encontra-se em "*material breach*" (descumprimento de obrigações impostas), estabelecendo um regime reforçado de inspeção e prevendo consequências graves em caso de novas violações. A expressão "*material breach*" (descumprimento de obrigações impostas) é empregada no jargão do Conselho de Segurança para justificar ações coercitivas como o uso de força armada contra o Estado considerado em falta com suas obrigações. Disponível em: < <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/component/content/article?id=10612:notas-para-exposicao-do-ministro-celso-lafer-na-comissao-de-relacoes-exteriores-e-defesa-nacional-do-senado-federal-conjunta-com-a-comissao-de-relacoes-exteriores-e-defesa-nacional-da-camara-dos-deputados-20-de-novembro-de-2002>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

marcada pela retirada das tropas estadunidenses (MARSTON; MALKASIAN, 2011).

Foi nesse ambiente operacional, que de acordo com os apontamentos de Scheffer (2005), as capacidades relacionadas às Operações Ribeirinhas da Marinha estadunidenses, precisaram depois de 40 anos, serem mais uma vez revigoradas e aplicadas em um Ambiente Ribeirinho inóspito, ocupado por uma complexa combinação de ameaças, compostas por insurgentes, milícias, grupos terroristas e criminosos ligados ao tráfico de drogas. (MARSTON; MALKASIAN, 2011).

Após esta breve contextualização sobre a OIF, veremos agora, como ocorreu o emprego de meios dos USMC e USN nas Operações Ribeirinhas neste conflito armado, Para isso, apresentaremos as principais características do ambiente ribeirinho iraquiano, as estruturas organizacionais, as formas de emprego e os principais meios empregados pelos USMC e USN.

### **3.1 A Área Ribeirinha Iraquiana e as Ameaças Insurgentes**

Em face da relevância do ARib iraquiana e as ameaças insurgentes nas Operações Ribeirinhas ocorridas no Iraque, veremos nesta subseção, as principais características relacionadas da hidrografia e população da ARib e identificaremos as principais ameaças insurgentes.

O ARib Iraquiana é banhado pela Bacia Hidrográfica Eufrates e Tigre (FIG. 1) e carrega consigo, um significativo valor histórico. Verificamos, que nela possivelmente esteja localizada a região conhecida no passado como Mesopotâmia, “terra entre rios”, considerada o berço das primeiras civilizações da humanidade. Os seus principais rios Tigre e Eufrates, são considerados vitais para o Iraque, pois contribuem para o transporte aquaviário, a geração de energia e a produção de alimentos (SCHFFER, 2005).

Por isso, conforme Scheffer (2005) e Estes (2011), durante a segunda fase da OIF,

o controle desses rios se tornou essencial para restauração da estabilidade do Iraque, uma vez que eram utilizados pelos insurgentes como vias de comunicação para suas atividades.

Em nossas pesquisas sobre as principais características da Bacia Eufrates e Tigre, verificamos que se trata de uma bacia hidrográfica transfronteiriça, que engloba a Turquia, o Irã, a Síria, a Arábia Saudita e o Iraque. Em terras iraquianas cobre cerca de 93% de seu território, perfazendo uma área de 407. 880 Km<sup>2</sup> e com 5.275 km de trechos navegáveis. Seus principais rios Eufrates e Tigre, banham toda planície iraquiana e unem-se na cidade iraquiana al-Qurna, formando o rio Shatt Al-Arab, que percorre 193 Km até sua foz no Golfo Pérsico. Contudo, cabe mencionar que os rios Eufrates e Tigre também se comunicam em seu curso médio, por meios de canais artificiais (SCHEFFER, 2005; MOUNTJOY, 2006).

Neste trabalho nos limitaremos à ARib banhada pelo rio Eufrates, onde ocorreram as Operações Ribeirinhas realizadas pelos USMC e USN. Com base nisso, vimos que o rio Eufrates ingressa no território iraquiano próximo da região conhecida como Qu-saybah, na fronteira com a Síria e percorre cerca 1060 km em direção ao sudeste, cortando a vasta província de al-Anbar em seis distritos: al-Qaim; Anah; Hadithah,; Hit; ar-Ramadi, capital de Al-Ambar, e al-Fallujah. Aqui cabe destacarmos a ARib da província de al-Ambar, pois nela concentravam-se as atividades insurgentes e criminosas, assim como ocorreram as principais operações das do USMC e da USN (SCHEFFER, 2005; MOUNTJOY, 2006; UNITED NATIONS, 2009; ESTES, 2011).

Na busca de apresentarmos os principais trechos onde foram empregados os meios, destacamos no curso do rio Eufrates, desde seu ingresso no Iraque, a Barragem de Hadithah, sendo um dos principais alvos de insurgentes durante conflito. Seguindo para al-Ramadi, capital da província de al-Anbar, observamos a localização dos lagos chamados al-Habbaniyah eal-Milh e Lago al-Tharthar, este último, comunicado por canais construídos até o rio Tigre. E por último citamos a cidade ribeirinha de Fallujah, onde foram travadas as



maiores batalhas do USMC contra os movimentos insurgentes (ESTES, 2011).

Dando continuidade, abordaremos as principais informações da população iraquiana ribeirinha, em especial da província de al-Anbar. Para isso utilizamos como base os dados de 2004, ano em que foram iniciadas as OpRib realizadas pelo USMC na Guerra Iraque. A população iraquiana foi estimada, naquele ano, em 25.375.000 pessoas, sendo a maioria composta por árabes muçulmanos e cerca de 15 por cento eram curdos. Em termos de religião, cerca de 97 por cento da população era muçulmana, sendo cerca de 65 por cento eram xiitas e cerca de 35 por cento eram sunitas. (ESTES, 2011; MARSTON; MALKASIAN, 2011).

Em al-Anbar, verificamos que sua área é composta em grande parte por um deserto despovoado, tendo com a maioria de seus 1,3 milhões de habitantes concentrados próximas do rio Eufrates. Conforme podemos ver na FIG. 2, a maioria da população de al-Anbar era constituída de árabes sunitas, sendo que segundo, os distritos de Ramadi e Fallujah, se destacavam pelas fortes tradições tribais e religiosas ligadas ao fundamentalismo islâmico.

Por fim, passamos para a identificação das ameaças insurgentes, as quais verificamos, que segundo Estes (2011), a Insurgência era predominantemente sunita e se organizava para forçar a retirada de Forças de Coalizão e recuperar o poder político no Iraque, concedido naquele período aos Xiitas. Atuavam em várias cidades ribeirinhas da Bacia do Eufrates e Tigre, especialmente na região conhecida como Triângulo Sunita, balizada pelas cidades de Tikrit a norte, Ramadi a oeste e Bagdá a leste, como podemos observar na FIG.3 (ESTES, 2011; MARSTON, MALKASIAN, 2011).

O movimento insurgente era representado principalmente pela Insurgência Anti-Coalizão, composta por membros diversificados, do partido político, antigos soldados, grupos paramilitares e tribos ligadas ou em favor do regime de Sadam Hussein. Estavam inclusos também, grupos extremistas ligados ao movimento Wahhabi, o Partido Islâmico Iraquiano. As

ameaças insurgentes poderiam também ser potencializadas por atores externos, como os grupos terroristas Al Qaeda, Ansar al-Islam, e Hezbollah (ESTES, 2011; MARSTON; MALKASIAN, 2011).

Os insurgentes, eram armados com fuzis AK-47, explosivos, munições, morteiros e lançadores de granada RPG, porém não possuíam um treinamento de combate adequado. No ambiente ribeirinho, os insurgentes realizavam fogos furtivos, fogos indiretos com seus morteiros, emboscadas a partir das margens dos rios, ataques com armas combinadas e utilizavam frequentemente artefatos explosivos improvisados, buscando causar dano a pontes e estruturas estratégicas como a Barragem de Haditha (BENBOW et. al, 2006; ESTES, 2011 MARSTON; MALKASIAN, 2011).

### **3.2 O Emprego de Meios do USMC**

As Operações Ribeirinhas realizadas pelo USMC na OIF foram limitadas ao emprego da *Small Craft Company* (SSCo) inserido no conjunto de Operações de Estabilização e Segurança realizadas pela *Marine Expeditionary Force* (MEF), na ARib de Al-Anbar, entre os anos de 2004 e 2006. Com base nesse contexto, buscaremos apresentar a estrutura organizacional, os principais meios e formas de emprego da *Small Craft Company*. Para isso, nos remeteremos às obras de Marston e Malkasian (2011) e a Estes (2011), assim como os importantes estudos de Scheffer (2005), Benbow (2006) e Stolzenburg (2008).

De acordo com Marston e Malkasian (2011) e Estes (2011), em março de 2004 a *I Marines Expeditionary Force* (I MEF) assumiu da *82ª Airborne Division (US Army)*, o Comando Operacional da Área Operações (AOp) Atlanta, FIG.4, que englobavam a província de Al-Anbar. Nesse período, a província de al-Anbar, em especial os distritos de Falujha e Ramadi, eram pontos focais dos movimentos da Insurgência da Anti-Coalisão.

Durante a fase de planejamento, a província al-Anbar foi minuciosamente

analisada e foi depreendida uma especial atenção às rotas de infiltração terrorista, denominadas “linhas de rato”, que ligavam a Síria aos distritos de Fallujah e Ramadi. Além disso, constataram também que os insurgentes utilizavam o rio Eufrates como linhas de comunicação para suas atividades criminosas e como rota de fuga (ESTES, 2011).

Para se opor a essas ameaças insurgentes e estabelecer o controle e a segurança de trechos do rio Eufrates, a SSCo foi destacada ao Componente de Combate Terrestre da I MEF, reforçando a *1st Marine Division* em 2004 (ESTES, 2011, p 174). O importante emprego da SSCo foi descrito em um artigo da *1st Marine Division*, em 2004, da seguinte forma:

Sendo a única Companhia especializada em embarcações do *Marines Corps*, a unidade está encarregada de fornecer capacidade ribeirinha à *I Marine Expeditionary Force* (MEF)<sup>20</sup>, a fim de negar o acesso ao inimigo nos cursos d’água do Iraque. Isto permite as Unidades da I MEF usarem os rios e lagos do país, como uma rota alternativa de transporte. (FITZGERALD, 2004, p.1, tradução nossa<sup>21</sup>)

A SSCo foi criada e estruturada para apoiar de forma integrada as MAGTAF, provendo capacidade ribeirinha para seu Componente de Combate Terrestre até valor Batalhão. Podia ser operada com ou sem seus elementos orgânicos de combate terrestres embarcados.

Como podemos observar na FIG. 5, a Subunidade<sup>22</sup> possuía uma lotação de 10 oficiais e 202 praças e era organizada pelos seguintes Pelotões:

1. *Headquarters Platoon*, seria o Pelotão de Comando da Companhia;
2. *Maintenance Platoon*, em que concentravam-se pessoal e equipamentos especializados na manutenção e reparo dos sistemas das embarcações, assim como veículos terrestres e Lanchas Oficinas; um Pelotão de apoio à *Marine Expeditionary Unity (Special Operations Capability)*, destacamento de marines<sup>23</sup>, que ficavam destacados na Força de Desembarque da

20 A I MEF era composta pela I MEU, nesse período.

21 No original: *As the only specialized boat company in the Marine Corps, the unit is tasked with providing riverine capability to I Marine Expeditionary Force in order to deny enemy access to waterways in Iraq. This allows I MEF units to use the rivers and lakes in the country as an alternate route of transportation.*

22 Termo referente a fração militar Companhia.

23 Termo referente a tropa de Fuzileiros Navais pertencentes ao USMC.

Sexta Esquadra estadunidense, e operavam com botes infláveis conhecidos como *Combat Rubber Raiding Craft* (CRRC); e

3. *Boat Platoon*, concentrava efetivamente os meios que proviam a capacidade ribeirinha às MAGTAF. Era formado por um *HQ Platoon*, que representava o Pelotão de Comando, baseado em terra ou em navio; uma *C2 Section*<sup>24</sup>, que provia capacidade Comando e Controle (C2) no ambiente marítimo e ribeirinho; uma *Assault Section*, composta por lanchas de combate com blindagem e poder de fogo do tipo *Riverine Assault Craft* (RAC) e a *Lift Section*, compostas por embarcações destinadas para transporte de tropa dos tipos *Rubber Raiding Craft* (RRC) e *Small Unit Riverine Craft* (SURC).

Para facilitar a compreensão, veremos as principais características desses meios fluviais empregados pela SSCo, buscando enfatizar a importância da SURC no processo de evolução das embarcações de gerações mais antigas. Como vimos anteriormente, a SSCo operava com quatro tipos de embarcações, destinadas basicamente para realizar o apoio de fogo, transporte de tropa, reconhecimento e comando e controle.

Começando pelos *Combat Rubber Raiding Craft* (CRRC) (FIG. 6), observamos que se tratavam de botes infláveis semi rígidos, sem sistema de armas ou blindagem, empregados no transporte furtivo de equipes de operações especiais, em suas infiltrações e ações de reconhecimento especializado. Utiliza como propulsão de um motor de popa hidrojetado 55 HP<sup>25</sup> a gasolina, e pode transportar até 8 marines armados e equipados, a uma velocidade de 12 nós. Essas vulneráveis embarcações foram utilizadas em atividades de reconhecimento no rio Eufrates (FITZGERALD, 2004; STOLZENBURG, 2008).

A *Rigid Raiding Craft* (RRC) são embarcações com 18 pés, cerca de 5,5 metros, de casco de fibra de vidro, adquirida pela USMC na década de 80. Utilizava como propulsão dois motores de popa a gasolina, que permitiam alcançar 25 nós, podendo transportar até 10

24 Seção de Comando e Controle

25 *Horse Power*, medida padrão de potência de motores

marines. Sua principal vulnerabilidade estava relacionada à ausência de blindagem e de armamento orgânico. A segurança era provida pelas armas portáteis do marines embarcados, A *Lift Section* possuía 60 RRC. Foram utilizados no rio Eufrates para transporte e inserção de tropas em pontos de desembarque (STOLZENBURG, 2008).

As *Riverine Assault Craft* eram embarcações de casco de alumínio, com propulsão de motores hidrojetos a diesel, de 300 Hp, integrados a estrutura da embarcação. Além do sistema de motor que proporcionava velocidade de 40 nós, possuía sistema de Comunicação, sistema de navegação e sistema de armas, compostos por reparos com metralhadora 0.50 na proa e na popa, e dois reparos posicionados nos um em cada bordo na parte central da embarcação, podendo ser utilizado com Lança Granadas e Mini-Gun<sup>26</sup>(STOLZENBURG, 2008).

As RAC teriam uma vulnerabilidade relacionada ao seu sistema de propulsão, devido as turbinas do hidrojato não possuírem um sistema de autofluxo, fazendo com que resíduos se acumulassem nelas, provocando arrefecimento nos motores, podendo ficar inoperante, elevando assim, o grau do risco, durante o combate contra os insurgentes no rio (STOLZENBURG, 2008).

Diante das vulnerabilidades da RAC e RCC, foi desenvolvida a *Small Unit Riverine Craft* (SURC), FIG. 7, atendendo os requisitos decorrentes das experiências da SSCo. Sua finalidade era proporcionar à *Lift Seccion*, mobilidade tática, poder de fogo, velocidade, proteção balística, capacidade de sobrevivência e capacidade de C2 nas Operações Ribeirinhas (STOLZENBURG, 2008).

A SURC, possuía cerca de 11,6 metros de comprimento e uma propulsão composta por dois motores a diesel de 440 HP, que proporcionavam a velocidade até 35 nós. Podia transportar sua tripulação composta por 5 elementos mais 13 elementos de combate terrestre armados e equipados. Levando em consideração essa capacidade de transporte, o

---

26 Metralhadora giratória

planejamento inicial da USMC era de substituir as 60 RCC por 40 SURC, porém adquiriram somente 17 unidades (STOLZENBURG, 2008).

Dentre as principais evoluções da embarcação, destaca-se as turbinas de hidrojato, com transmissão reversível, capaz de realizar retro lavagem em seu interior, permitindo remover resíduos, considerado requisito vital para embarcações com esse tipo de propulsão. Outra importante evolução, é seu casco de alumínio reforçado com um colar de polipropileno removível, capaz de proporcionar proteção balística aos elementos embarcados. Seu sistema de armas é semelhante ao da RAC e como novidade, possuía uma rampa rebatível em sua proa, facilitando o embarque e desembarque dos marines.

Depois de conhecermos a organização e os principais meios fluviais empregados pela *Small Craft Company*, buscaremos evidenciar agora, como o foram empregados no ARib de Al-Anbar.

Em março de 2004, a SSCo, começou a operar na AOp da I MEF, sendo empregadas a partir de duas posições. A maior parte da Companhia ficou posicionada em Fallujah, junto do Comando da *1ª Marine Division* e um Pelotão Companhia foi destacado para operar na Barragem de Hadithah, em apoio às *Deachment Security Dam* (DSU), composta por um Batlalhão da MEF.

A SSCo realizavam patrulhas diurnas e noturnas, com e sem elementos de combate terrestre, e seguiam como critérios operacionais a realização de operações com no mínimo quatro embarcações; disponibilidade de Controlador Aéreo Avançado para conduzir o Apoio de Fogo Aéreo Aproximado; composição da tripulação com operador de comunicações e mecânico; disponibilidade de Lista de Alvos Estabelecidas para Apoio de Fogo Aéreo e Terrestre; espaço para engajamento considerado contemplando o rio mais 500 m de margem; e realização de ensaios, antes do embarque com elementos não orgânicos à Companhia. Antes de desdobrar seus meios, a SSCo realizou patrulhas de reconhecimento em grande parte das

hidrovias de sua AOp. Os lançamentos e recuperações das embarcações no rio eram feitos por viaturas reboques, que deslocavam-se em estradas pavimentadas e não pavimentadas, levando as embarcações, pessoal e material até posição selecionada. A segurança ficava a cargo da Companhia (STOLZENBURG, 2008).

Durante a fase de pesquisa, constatamos que a *SSCo* foi amplamente empregada, em que puderam obter importantes experiências de engajamento contra insurgentes nos rios. Buscamos apresentar essas formas de empregos, por meio das principais tarefas, relacionadas à mobilidade, ao combate, ao C2 e à segurança, realizadas em durante as Operações Ribeirinhas:

1. Mobilidade – Durante o Conflito, a *SSCo* realizou ações táticas de transporte fluvial, inserção e extração de tropas do Componente de Combate Terrestre (CCT), além de apoiar a infiltração de elementos de Operações Especiais e realizar o reabastecimento tático (FIZGERALD, 2004; SCHEFFER, 2005);

2. Comando e Controle – Consistia nas atividades realizadas no Iraque, relacionadas a capacidade de Comando e Controle limitado fornecida durante os movimentos fluviais e ao desembarque ribeirinho de tropas, além a realização de Retransmissão das Comunicações via Rádio estabelecidos no rio, em apoio às ações terrestres (SCHEFFER, 2005);

3. Combate – Emprego caracterizado, pela busca do contato com inimigo, por meio do movimento fluvial, englobando ações táticas de emboscada fluvial, patrulhas de combate e realização de apoio de fogo. No Iraque a *SSCo* realizou patrulhas de combate, ataque fluvial às embarcações de insurgentes, apoio de fogo direto contra insurgentes posicionados nas margens do rio Eufrates. Podemos destacar a importante participação da *SSCo* na segunda Batalha à Fallujah em 2004, em que proveu a cobertura de flanco ao movimento de ataque das Unidades do Componente de Combate Terrestre à cidade, neutralizando insurgentes que fugiam pelas margens (STOLZENBUR,2008; ESTES, 2011);

4. Segurança – Representava o principal emprego da SSCo, durante as Operações Ribeirinhas realizadas na OIF, e demandou a realização de uma ampla gama tarefas. Entre elas podemos destacar, a segurança das linhas de comunicações fluviais por meio, de patrulhas de reconhecimento, estabelecimento de Postos de Controle Fluvial e Postos de Vigilância Fluvial; ações de *Visit, Board, Search, and Seizure* (VBBS)<sup>27</sup>; levantamento hidrográfico e levantamento de pontes; apoio à detecção e desativação de artefatos explosivos improvisados (SCHEFFER, 2005; STOLZENBUR, 2008).

Em complemento, evidenciamos também, o apoio à *Ist Reconnaissance Battalion* em 2004, na realização das chamadas “limpeza de ilhas”, que visavam a busca e destruição de abrigos de Insurgentes e de seus esconderijos de armas, conhecidos como cachê de armas. Outra distinta forma de emprego ligados a segurança realizada, foi o estabelecimento inopinado de Postos de Controle de Trânsito (PCTran) pela SSCo, em trechos de estradas próximos dos rios, cujo propósito era a identificação de insurgentes (STOLZENBUR, 2008).

Em 2005, a SSCo passou a ser empregada na segurança fluvial da Barragem hidroelétrica de Hadithah, em apoio uma Companhia do Batalhão Assalto Anfíbio, formando a primeira *Dam Security Unity* (DSU)<sup>28</sup>. Em 2006, a DSU-2, manteve as atividades de segurança fluvial da Barragem, e adicionalmente realizaram patrulhas fluviais no distrito de Ramadi. Em seguida, a DSU-3 realizou suas operações, empregando a SSCo no rio Eufrates, no trecho entre o distrito de Fallujah e a fronteira com Síria. Dentre as principais formas de emprego da DSU-3, destacou-se a realização de operações de recenseamento junto a população ribeirinha do Eufrates e limpeza das Ilhas fluviais de Hadithah, onde foram empregados cães de faro e militares especializados em Desativação de Artefatos Explosivos.

Ainda em 2006, a SSCo foi substituída pelos *Riverine Squadrons* da USN e logo em seguida, foi desativada, marcando o fim do emprego de meios fluviais da USMC nas

27 Análogo aos Grupos de Visita e Inspeção e Grupo de Presas (GVI GP) das Patrulhas Navais.

28 Unidade Tarefa do USMC, composta por tropa da Infantaria e embarcações da SmallCraft responsável pela segurança de Barragem de Hadithah.



Operações Ribeirinhas na Guerra do Iraque, assim como, a mitigação de sua capacidade ribeirinha.

### 3.3 O Emprego de Meios da USN

A USN empregou seus meios em Operações Ribeirinhas na Guerra do Iraque, em dois momentos distintos. Em 2003, durante a fase de Ocupação do Iraque, com a *Special Boat Team 22*, e posteriormente, no período entre 2006 e 2010, durante a fase de Estabilização do Iraque, quando as *Riverine Squadrons* da USN substituíram a *SSCo*, na ARib da Barragem de Hadithah (SCHEFFER, 2005).

No primeiro momento, a USN empregou sua tradicional Unidade de Embarcações de Operações Especiais, a *Special Boat Team 22*, pertencente ao *Special Naval Warfare Command*, na ARib da Península iraquiana de Al Faw. A Unidade participou das ações da Força da Coalizão de conquista do porto fluvial de Umm Qasr, localizado nos rios Khawr Abd Allah e Khawr Az Zubayr e do porto Basrah, localizado no rio Al Sharat. Durante a tomada dos portos, a *Special Boat Team 22* foi empregada no estabelecimento de posições de bloqueio, impedindo possíveis interferências fluviais das forças iraquianas (SCHEFFER, 2005).

Como vimos no capítulo anterior, esse emprego de meios nas Operações Ribeirinhas do USN era realizado no período pós-Guerra do Vietnã, quando eram limitados às atividades Operações Especiais no ambiente ribeirinho.

Dessa forma, daremos ênfase neste trabalho às Operações Ribeirinhas realizadas no segundo momento, onde USN empregou seus meios em operações continuadas até 2010, baseadas no *Concept Naval Operations* de 2006, citado no capítulo anterior, onde organização de combate *Riverine Group* passou ser empregada, a qual veremos suas principais tarefas, seus principais meios e formas emprego.

Contextualizando, segundo apontamentos de Benbow (2006), as autoridades da Forças Armadas estadunidenses, levaram em consideração, variadas propostas que permitiriam, um incremento da Força Naval estadunidense nessa segunda fase OIF. Dentre elas, o aumento da presença da USN nos rios iraquianos. Diante disso, a USN decidiu reconstruir sua capacidade ribeirinha formando o *Naval Expeditionary Combat Command* (NECC) e empregar seu *Riverine Group*, nas Operações Ribeirinhas, na ARib de Haddthja, em apoio às Operações de Segurança e Estabilização realizadas pela MEF.

Sobre estrutura organizacional, vimos que no organograma da NECC (FIG. 8), o *Riverine Group*, era composto por três *Riverines Squadrons*. Descendo o nível, verificamos que a organização das *Riverines Squadrons* (FIG.9), foi estruturada para operar em missões independentes ou conjuntas em apoio até um Batalhão de Infantaria da USMC ou da US Army. Para atender à complexa coordenação desses apoios, e permitir a interoperabilidade com outros meios terrestres, navais e aéreos, observamos que as *Riverines Squadrons* tinham estrutura de Estado-Maior robusta e capacidade de comunicação a longas distâncias. Os *Riverines Squadron* eram divididos, inicialmente, em três Divisões e um Componente Reserva (BENBOW et al, 2006; STOLZENBURG, 2008).

Cada Divisão (FIG.9) era composta por duas Seções, as quais possuíam duas embarcações cada, além de uma equipe de abordagem e uma equipe médica. Durante a OIF, as embarcações operavam com duas tripulações, que se revezavam. No decorrer da operação, a estrutura da *Riverine Squadrons* foi aumentada, passando a ter quatro Divisões, com duas *Riverine Patrol Boat* (RPB) e três *Riverine Assault Boat* (RAB), em cada Seção. Em 2008, as *Riverines Squadrons* operavam com 16 embarcações e lotação de 224 militares (SCHEFFER, 2005; STOLZENBURG, 2008).

Diferente das *Small Craft Company*, os *Riverines Squadron*, não possuíam elementos de combate terrestres orgânicos, o que limitava seu emprego nas Operações

Ribeirinhas realizadas contra insurgentes, em especial nas ações de limpeza de ilhas de Hadithah. Suas equipes de abordagem, eram compostas por 8 militares, que possuíam capacidades restritas às tarefas de abordagem de embarcações e a segurança de embarcações quando atarracadas em bases de operações avançadas. A tripulação das embarcações era basicamente composta pelo comandante da embarcação, um piloto, artilheiros que guarneciam o sistema de armamento pesado, um maquinista e um técnico de reparo de casco (STOLZENBURG, 2008).

Em complemento, verificamos que inicialmente os meios fluviais empregados pelo *Riverine Group*, foram oriundos da *Small Craft Company* da USMC. Com a desativação dessa Companhia, as embarcações SURC e demais materiais e equipamentos foram transferidas para o *Riverine Group*. A USN então aprimorou a embarcação e a renomeou como *Riverine Patrol Boat* (RPB). Foram também adquiridas e empregados as *Riverine Assault Boat* (RAB) e as *Riverine Command Boat* (RCB), as quais veremos suas principais características em seguida (STOLZENBURG, 2008).

As *Riverine Patrol Boat* (FIG. 7) , foram amplamente empregadas nas patrulhas fluviais nas águas rasas rio Eufrates, devido seu baixo calado. Apesar dessa vantagem, as embarcações apresentavam um rápido desgaste, impossibilitando a 1ª Divisão do *Riverine Squadron I* operar de forma contínua. Suas principais características já foram abordadas na subseção anterior, contudo podemos citar como a melhoria feita pela USN, a instalação de proteção balística acima da borda da lancha (STOLZENBURG, 2008).

As *Riverine Assault Boat* (RAB) foram empregadas para negar o uso das hidroviás por forças hostis embarcadas, por meio de ações de bloqueio e interdição fluvial. Possui cerca de 10 metros de comprimento e uma propulsão a hidrojato, composta por dois motores a diesel de 440 HP. Pode transportar sua tripulação de 5 elementos mais 15 elementos de combate terrestre e se desloca numa velocidade de até 35 nós. Seu sistema de

armas é composto pelas Mini-Gun GAU-17, Lançadores de granada MK-19 e Metralhadora Pesada M 240 dispostos em três reparos, que proporcionam seu elevado poder de fogo. Devido seu calado, seu emprego no Iraque foi limitado ao Lago Qadisiyah, formado pela barragem de Hadithah. (STOLZENBURG, 2008).

As *Riverine Command Boat* (RCB) foram empregadas como Posto de Comando dos *Riverine Squadrons*, fornecendo capacidade de comando, controle e comunicações. Devido seu alcance de 320 milhas náuticas, eram empregados também como ponto de retransmissão móvel. Sua propulsão a hidrojato é composta por dois motores a diesel de 410 HP cada. Possui proteção balística a disparos de armas calibre 7,62 mm e pode transportar sua tripulação de 4 elementos mais 21 elementos. Era maior embarcação das *Riverine Squadrons*, com 16 m de comprimento, e seu emprego foi restrito também às águas da Barragem de Hadditha (STOLZENBURG, 2008).

Em relação às formas de emprego dos *Riverines Squadrons*, é importante consideramos que durante o conflito, os *Riverines Squadrons* utilizavam a variedade de recursos e capacidades disponíveis das outras Unidades do NECC, o que proporcionava um incremento em sua capacidade de combate, assim como na versatilidade de seu emprego. Dentre os principais meios e apoios disponíveis, destacamos os Veículos Aéreos Não-Tripulados, amplamente utilizados para o reconhecimento e vigilância das margens, durante as patrulhas fluviais; o apoio de equipes Desativação de Artefatos Explosivo, essenciais no combate às ações de insurgentes que utilizavam artefatos explosivos improvisado na Barreira de Hadittah; e o apoio fundamental de Equipe Assuntos Cívicos, o que contribuía para relação das *Riverine Squadrons* com órgãos governamentais civis iraquianos (STOLZENBURG, 2008; SANDWAY, 2010).

Durante as Operações Ribeirinhas conduzidas pela USN entre 2006 e 2010, os *Riverine Squadrons* realizaram tarefas táticas de segurança, combate, C2 e mobilidade

semelhantes às realizadas pela *Small Craft Company*. Entretanto, as principais diferenças, conforme mencionamos anteriormente, e foi descrito por Stolzenburg (2008), era que as *Riverine Squadrons* não possuíam capacidade de realizar ações terrestres e que possuíam maior capacidade em termos de comunicações, considerada superior aos dos Postos de Comando dos Batalhões do USMC.

Com base nisso, verificamos que os *Riverine Squadrons*, foram empregadas diariamente na negação e o controle da ARib de Haddthja, englobando a proteção de infraestruturas críticas, como a Barragem Haddthja. Além disso, foram também empregados, de forma simultânea, no apoio à operações multinacionais e interagências com órgãos civis (STOLZEMBURG, 2008; SANDWAY, 2010).

Nesse sentido, por possuírem capacidade de C2 adequada às Operações Conjuntas, os *Riverines Squadrons* empregaram suas RPB em tarefas de combate, provendo apoio de fogo direto às Forças convencionais, Forças Multinacionais, e Força de Operações Especiais, além de serem constantemente empregados no estabelecimento de posições de bloqueio. Não obstante, as *Riverine Squadrons* empregaram suas RPB em tarefas de mobilidade, realizando a inserção e extração dos elementos dessas Forças (STOLZEMBURG, 2008; SANDWAY, 2010).

Entretanto, o maior diferencial do emprego dos *Riverine Squadrons* nas Operações Ribeirinhas no Iraque, foram suas participações nas Operações de Cooperação para a Segurança do Teatro (CST), em consonância com o *Concept Naval Operational* de 2006. Vimos que a importância desse emprego dos meios da USN, consistia na relação com o alcance de objetivos operacionais e estratégicos, e foi materializado com a criação e condução pelos cinco últimos destacamentos de *Riverine Squadrons*, de um programa de treinamento da Polícia Fluvial iraquiana, contribuindo para restauração de Órgãos de Segurança iraquianos e o reforço da capacidade de combate contra as ameaças insurgentes (SANDWAY, 2010).

Por último, citamos abaixo um compilado de tarefas realizadas por um destacamento *Riverine Squadrons*, visando exemplificar o seu emprego apresentado nesta seção:

Só nos sete meses do destacamento do Riverine Squadron III, a força Riverine conduziu 275 missões de combate, 70 missões combinadas com as forças de segurança iraquianas, 150 operações de comboios táticos, 300 horas de operações de veículos aéreos não tripulados (VANT), apreendeu 4 detidos, e descobriu 8 caches de armamento. (SANDWAY, 2004, p.10, tradução do autor<sup>29</sup>).

No capítulo seguinte, veremos o emprego de meios da ARC nas Operações Ribeirinhas realizadas no conflito armado interno da Colômbia.

---

<sup>29</sup> No original: *In Riverine Squadron Three's seven month deployment alone, the Riverine force conducted 275 Combat missions, 70 missions combined with Iraqi security forces, 150 tactical convoy operations, 300 hours of Unmanned Aerial Vehicle (UAV) operations, seized 4 detainees, and discovered 8 weapons caches.*

## 4 OPERAÇÕES RIBEIRINHAS NO CONFLITO ARMADO INTERNO NA COLÔMBIA (2000-2010)

Neste capítulo abordaremos como a *Armada de la República de Colombia* (ARC) empregou seus meios nas operações ribeirinhas no conflito armado interno, no período entre os anos 2000 e 2010. Para isso, apresentaremos inicialmente um breve histórico, visando contextualizar a participação da ARC no conflito, assim como identificar as ameaças narco-insurgentes. Em seguida, apresentaremos as principais características da hidrografia da ARib colombiana, e, por último buscaremos, evidenciar o emprego de meios da ARC, apresentando a organização, o posicionamento, os meios e formas de emprego da *Brigada Fluvial de Infantería de Marina* (BRIFIM).

### 4.1 Breve Histórico

A ARC tem empregado seus meios em Operações Ribeirinhas desde 1944, quando assumiu do Exército colombiano, o comando da *Fuerza Naval del Sur*, denominado *Batallón Naval Leguizamo*. A missão atribuída a essa Força era:

Exercer o domínio dos rios fronteiros ao Equador, Peru e Brasil e seus afluentes navegáveis da Amazônia colombiana, a fim de manter a soberania nas fronteiras do sul, garantir o livre comércio e promover o povoamento nos rios colombianos. (COLÔMBIA, 2016, p.7, tradução nossa<sup>30</sup>)

Nas décadas de 1950 e 1960, foram marcadas por um período de violência decorrente das disputas políticas entre partidos liberais e partidos conservadores, que culminaram na morte de cerca de 200.000 pessoas, assim como no surgimento dos principais grupos guerrilheiros, as *Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia* (FARC) e o *Ejército de Liberación Nacional* (ELN).

Visando retomar o controle da ordem pública e garantir a soberania nacional nos

---

30 No original: *Ejercer el dominio de los ríos limítrofes con el Ecuador, Perú y Brasil y sus afluentes navegables de la Amazonía Colombiana, mantener la soberanía en las fronteras del sur garantizando el libre comercio y el fomento de la colonización en las riveras colombianas.*

rios remotos da região sul, em 1956, foi criada a *Flotilla Avispa* e desenvolvidas as primeiras ações táticas de controle fluvial, empregando suas embarcações de alumínio para realização de manobras de assalto nas margens dos rios, empregando tropas da *Infantería de Marina* (IM) (COLÔMBIA, 2016).

As décadas de 1970 e 1980, foram marcadas pelo surgimento de narcotraficantes e posteriormente sua associação com grupos guerrilheiros, os quais denominaremos a partir deste momento de narco-insurgentes. Essa sinergia, potencializou o poder de combate e a sustentabilidade logística desses grupos, por meio do tráfico de drogas. Diante do aumento das ameaças, o Governo colombiano buscou intensificar o controle e jurisdição das regiões mais remotas do país. Nesse período a ARC adquiriu maiores responsabilidades nas bacias hidrográficas e posicionou seus Comandos Fluviais para reconquistar o controle dos rios Guaviare, Meta e Orinoco, utilizados como corredor de atividades ilícitas pelos narco-insurgentes (MULLER, 2006; COLÔMBIA 2016).

Nos anos 1990, com o apoio econômico e militar do governo estadunidense, a ARC iniciou seu processo de modernização e organização dos seus Elementos de Combate Fluvial (Lanchas) e das Unidades Fluviais (Navios), que culminaram na criação das primeiras BRFRIM e levou a ARC se tornar referência global em Operações Ribeirinhas. Cabe mencionar ainda, que nesse período a USMC entregou para a ARC as primeiras Lanchas de Combate *Piraña*, principal meio de combate fluvial da ARC (COLÔMBIA, 2016).

No final dos anos 1990, o narcotráfico tornou-se a principal ameaça do Estado Colombiano. Assim, buscando reverter a situação, em 1999, o Presidente Andrés Pastrana (1998-2002), implementou o Plano Colômbia, que consistia na redução do fluxo de drogas ilícitas e do crime organizado, melhorando a segurança, na promoção da justiça social e econômica, na promoção do fortalecimento institucional e no apoio do processo de desmobilização, desarmamento e reintegração grupos armados fora da lei. (ESCUELA



SUPERIOR DE GUERRA, 2017).

A partir desse ponto, iniciaremos nossa abordagem que contemplará o período dos dois últimos anos de governo do Presidente Pastrana (2000-2002), caracterizado pelo reaparelhamento das Forças Armadas e a recuperação estratégica, e os dois mandatos de governo do Presidente Álvaro Uribe (2002–2010), marcado por uma política rígida que além de ter degradado significativamente o poder de combate e a presença territorial dos narco-insurgentes, reduziu consideravelmente a área de plantio de coca (PERU, 2019).

## **4.2 A Área Ribeirinha Colombiana**

A ARib colombiana é formada por cinco bacias hidrográficas (FIG 10) e 265 rios principais, que perfazem 15.440 Km de trechos navegáveis. Além disso, possui 3.587 Km de rios transfronteiriços com Brasil, Equador, Peru e Venezuela. Tais dados, que elevam a grau de importância estratégica dessa Arib, os quais a ARC possui a responsabilidade de controlar. Visando a compreensão de onde foi realizado o emprego dos meios da ARC nas Operações Ribeirinhas, veremos as principais características da hidrografia das Bacias do Pacífico, Bacia do Caribe, Bacia do Orinoco e Bacia do Amazonas (MERCHÁN; MOGOLLÓN, 2017).

Começando pela Bacia do Pacífico, vimos que possui mais de 200 rios, os quais estão concentrados nas regiões altas da Cordilheira Ocidental Andina e serras do Pacífico. Essa bacia hidrográfica é caracterizada pela ocorrência de chuvas intensas, e possuir riachos que correm em direção ao litoral. A navegabilidade é limitada aos trechos mais a jusante (MERCHÁN; MOGOLLÓN, 2017).

Seguindo para Bacia do Caribe, observamos que seus rios nascem nas regiões altas das cordilheiras andinas e seguem seu curso no sentido do sul para norte, desaguando no Mar do Caribe. Nessa bacia hidrográfico, encontram-se o Rio Madalena, considerado mais importante do país, devido sua extensão de 1290 Km de trechos navegáveis que ligam o

interior do país ao litoral; e o Rio Arato, no qual encontram-se ricas reservas de ouro e madeira (MERCHÁN; MOGOLLÓN, 2017).

Sobre a Bacia do Orinoco, podemos verificar que o Rio Orinoco, defini a fronteira com a Venezuela num trecho de 250 km e nasce na fronteira entre Brasil e Venezuela, possuindo 1930 Km de trechos navegáveis na Colômbia e 420 Km se nas regiões transfronteiriças entre esses países vizinhos (MERCHÁN; MOGOLLÓN, 2017).

Por último, vimos que a Bacia Amazônica, é caracterizada por uma rede fluvial extensa que banham a região plana da Selva Amazônica. Seu principal rio é o Rio Putumayo que define a fronteira entre Colômbia e Peru, e parcela de fronteira com o Equador, e possui extensão de 1650 km no território colombiano (MERCHÁN; MOGOLLÓN, 2017).

### **4.3 O Emprego de Meios da ARC**

Com a implantação do Plano Colômbia, os narco-insurgentes passaram a atuar nas regiões despovoadas da região da Selva Amazônica, utilizando os rios como principal linha de comunicação para realização de suas atividades, o que ocasionou um aumento da criminalidade nas localidades ribeirinhas.

Diante disso, no período entre 2000 e 2010, a ARC buscou combater essas ameaças por meio da criação e o posicionamento estratégico das *Brigadas Fluviales de Infantería de Marina* (BRFIM) nas 4 Bacias Hidrográficas apresentadas anteriormente. Essa medida estava em consonância com estratégia do Plano Colômbia de 1999 e foi potencializada pela Política Democrática de Segurança e Defesa (PDSD), implementada em junho de 2003, pelo Presidente Álvaro Uribe, que reconhecia que a falta de segurança da população era em decorrência da ausência do Estado em vastas áreas do território nacional (MULLER, 2006).

Para compreendermos esta evolução do emprego dos meios da ARC nesse conflito,

observamos que ano no 2000, a ARC possuía ativada a 1ª BRFIM no município de Corozal, na Bacia Hidrográfica do Caribe e a 2ª BRFIM no município de Buenaventura na Bacia Hidrográfica do Pacífico (FIG. 11). Em 2004, foi criado o *Grupo de Tareas Fluviales*, no município de *Puerto Leguízamo* na Bacia Hidrográfica da Amazônia, se tornando a 3ª BRFIM em 2009 (COLÔMBIA, 2015; MERCHÁN; MOGOLLÓN, 2017).

Em 2007, as BRFIM ativadas, conseguiram realizar as Operações Ribeirinhas ao longo de 4.210 Km, cobrindo 47% de toda malha fluvial colombiana, existindo assim espaços desguarnecidos, onde ainda vigorava as ações criminosas dos narco-insurgentes, em especial nos rios da Bacia Amazônica e da Bacia do Orinoco. Dessa forma, visando controlar os corredores estratégicos de mobilidade dos grupos narco-insurgentes, a ARC requereu ao nível político a incrementação de suas capacidades visando a ativação de novas BRFIM (COLÔMBIA, 2008).

As *Brigadas Fluviales de Infantería de Marina* (BRFIM). eram responsáveis pela condução das Operações Ribeirinhas nos rios navegáveis sob sua responsabilidade, negando sua utilização a organizações criminosas, por meio de suas unidades orgânicas, contribuindo para o exercício da ordem interna e garantindo a soberania nacional nas fronteiras fluviais (COLÔMBIA, 2008).

Como podemos ver na FIG.12, a estrutura organizacional das BRFIM era composta por: um *Batallón de Comando y Apoyo de Infantería de Marina* (BCAIM), três *Batllones Fluviales de Infantería de Marina* (BFIM), os quais possuíam as Unidades Navais e os *Puestos Fluviales Avanzadas* (PFA), e dois *Batallones de Assalto de Infantería de Marina* (BAFIM), onde encontravam-se os elementos de combate terrestres (COLÔMBIA, 2006).

A BRFIM possuía uma variedade de meios navais sobre seu controle operacional, com distintos tamanhos, propulsões e capacidades. As Unidades Navais de grande deslocamento e grande capacidade, proporcionavam o transporte, logística de suprimentos e

proteção blindada para tropa de infantaria e estavam divididas em *Cañoneros Fluviales* (CF), *Patrulleras de Apoyo Fluvial Pesado* (PAFP) ou *Nodrizas* (FIG.13), que destaca-se existência de convôo, e *Patrulleras de Apoyo Fluvial Liviano* (PAFL). A proteção dos comboios fluviais eram realizadas pelas *Patrulleras Fluviales* (PF) e as *Patrulleras Rápidas Fluviales* (PRF) também chamadas de Lanchas de Patrulha dos Rios (COLÔMBIA, 2006).

Para atividades logística de transporte e manutenção, eram empregados as embarcações de *Transportes Blindados de Tropa* (TBT), os Rebocadores, os *Botes de Apoyo Fluvial* (BAF) e as *Estaciones Móviles de Apoyo Fluvial* (EMAF), os quais possuíam capacidade de realizar manutenção e reparos das embarcações nos rios (COLÔMBIA, 2006).

As lanchas de combate eram empregadas dentro dos chamados *Elementos de Combate Fluvial* (ECF), FIG 14, que eram composto por três lanchas de combate do tipo *Piraña* de 22 pés e uma lancha de Comando e Controle do tipo *Piraña* de 25 pés, com propulsão de motores de popa de 150, 175 e 200 HP. Essa lanchas foram amplamente utilizadas no combate fluvial contra os narco-insurgentes, devido a sua velocidade, manobrabilidade, e alto poder de fogo (COLÔMBIA, 2006).

Durante a execução das Operações Ribeirinhas, as BRIFIM empregavam seus meios estabelecendo os Grupos de Combate Fluvial (GCF), FIG 15, compostos transitoriamente, por uma *Cañonera Fluvial* ou uma *Patrullera de Apoyo Fluvial Pesada* (PAFP), dois Elementos de Combate Fluvial e um *Grupo de Asalto Fluvial* (GAF) constituído por um Pelotão da IM. Os GCF eram empregados para estabelecer e manter o controle das linhas comunicações fluviais, conduzir operações de inteligência, conduzir operações de Ação Integral junto à população ribeirinha, realizar infiltrações, realizar operações de vigilância, interdição e segurança, assalto e apoio, e prover apoio de fogo direto às Unidades Fluviais e Terrestres(COLÔMBIA,2006).

No capítulo seguinte, daremos início à análise comparativa dos objetos de estudos.

## 5 ANÁLISE COMPARATIVA

O objetivo desta seção é identificar as similaridades e as singularidades entre o emprego de meios do USMC e da USN nas Operações Ribeirinhas ocorridas na Guerra do Iraque (2003-2011) e o emprego dos meios da ARC nas Operações Ribeirinhas realizadas no conflito armado interno (2000-2010). Nesta análise levaremos em consideração às relações entre emprego dos meios com as Concepções Estratégicas adotadas, as Áreas Ribeirinhas, as ameaças insurgentes e meios empregados.

### 5.1 O Emprego de Meios em relação às Concepções Estratégicas

Em relação as concepções estratégicas, identificamos como singularidade no caso da Colômbia, que o emprego de meios da ARC nas Operações Ribeirinhas estava voltado para a Segurança Interna do país, atendendo inicialmente a estratégia do Plano Colômbia de combate ao narcotráfico. Entretanto, a partir 2002, no governo do Presidente Álvaro Uribe, foram observadas similaridades relacionadas a adoção da estratégia de Guerra ao Terror e contrainsurgência. Isso ocorreu em decorrência da cooperação bilateral de segurança com EUA, que passou a considerar o apoio à Colômbia como apoio ao contraterrorismo e a contrainsurgência.(MULLER, 2006).

Outra singularidade identificada nos capítulos 2 e 3 na USN, esta relacionada ao *Concept Naval Operations* of 2006 que definiu o emprego da meios USN nas Operações Ribeirinhas estadunidenses e reforçou seu caráter expedicionário, a classificando como uma Operação de Segurança Marítima., e considerando as *Riverine Squadrons* e seus meios fluviais como modelo para realização de Operações Ribeirinhas .

Em relação as similaridades, em que pese as Operações Ribeirinhas do USMC e da USN terem sido realizadas de forma expedicionária, a ARC empregou seus meios de maneira semelhante, pois em ambos os casos, foram empregadas para prover a segurança à

população ribeirinha, controlar os rios e degradar a influência da insurgência sobre a população ribeirinha.

## **5.2 O Emprego de Meios em relação às ARib**

Na análise em relação às ARib, podemos identificar a singularidade no emprego dos meios da USN e do USMC, que operaram com a *Small Crat Company* e em seguida os *Riverine Squadrons*, de forma limitada numa ARib banhada pelo Rio Eufrates limitada a província de Al-Anbar, cujo tamanho é de cerca de 16 vezes menor do que ARib colombiana.. Diante disso, notamos que o emprego dos meios da ARC nas Operações Ribeirinhas demandaram um esforço militar de no mínimo 01 BRFIM por bacia hidrográfica, para atingir o *controle fluvial* de toda malha fluvial.

Na busca por similaridades, constatamos que em ambos os casos, o emprego de lanchas de combate, com capacidades de comando e controle, poder de fogo, velocidade, manobrabilidade e proteção balística, operadas por militares especializados mostrou ser adequado e adaptável para operações realizadas em diferentes Ambientes Ribeirinhos.

## **5.3 O Emprego de Meios em relação às Ameaças**

Na análise tomando como base as ameaças insurgentes, identificamos uma singularidade no emprego dos meios da USN e do USMC nas Operações Ribeirinhas, contra ameaças insurgentes, provenientes de complexos conflitos de origem sectária e política, entres, além de grupos terroristas internacionais fortemente armados, o que demandava uma capacidade de Desativação de Artefatos Explosivos e Assuntos Civis. além da disponibilidade de apoio de fogo aéreo como requisito para operar nos rios. No caso Colombiano, identificamos que contra as ameaças narco-insurgentes, a ARC empregava seus *Grupos de Combate Fluvial* (GCF), nas OpRib, dotados de maior poder de combate fluvial e terrestre e

capacidade logística providos pelas *Patrullera de Apoyo Fluvial* (PAF), e *Grupo de Asalto Fluvial* (GAF), assim como a capacidade de realizarem operações de inteligência e estabelecerem o Contole Fluvial em regiões fluviais remotas por meio dos *Puestos Fluviales Avanzados* (PFA).

Como similaridades, identificamos que em ambos os casos, que as ameaças insurgentes foram combatidas nos rios com emprego tático de lanchas de combate, de forma semelhante, ou seja, realizando tarefas de mobilidade, segurança e combate. Além disso, os meios da ARC e da USN também foram empregados com finalidade de resgatar o apoio da população ribeirinha, seja nas operações de cooperação de seguranças realizadas pelo *Riverine Squadrons*, ou, no caso colombiano, pelas ações integrais conduzidas pelo Grupos de Combate Fluvial.

#### **5.4 Comparação dos Meios Empregados**

Nessa comparação, identificamos a singularidade no emprego de meios da USN, que dispunha de lanchas com sistemas avançados de comunicação, e são capazes de operarem no ambiente costeiro. Além disso, com a criação do NECC; durante o conflito, seus variados meios e apoios, permitiram os *Riverines Squadrons* realizarem as Operações Ribeirinhas de forma expedicionária e adaptativa ao ambiente ribeirinho e a ameaças. Além de prover meios navais como Base de Operações Marítimas, o NECC disponibilizou veículos aéreos não tripulados, que foram utilizados nas patrulhas fluviais no Rio Eufrates, assim como os apoios das equipes de construção naval para os *Riverine Squadrons*.

Como singularidade, ainda notamos que os meios de combate e apoio de serviço ao combate da ARC, foram adaptados ao ambiente ribeirinho colombiano, como é o caso da estrutura logística *Estaciones Móviles de Apoyo Fluvial* (EMAF), que proporciona o apoio de alojamento e manutenção fluvial para os *Elementos de Combate Fluvial*. Nesse conjunto de

meios fluviais, consideramos também como singularidade da ARC, as *Patrulleras de Apoyo Fluvial Pesadas* (PAFP), que possibilitam o emprego fundamental nas Operações Ribeirinhas do trinômio navio, helicóptero e tropa, além de prover apoio logístico de saúde, manutenção e suprimentos para os Elementos de Combate Fluvial e outras Unidades fluviais.

Com isso, finalizamos nossa análise comparativa, obtendo similaridades e singularidades entre os dois objetos de estudo, os quais subsidiarão nossa conclusão no capítulo seguinte.



## 6 CONCLUSÃO

O propósito deste trabalho foi identificar similaridades e singularidades entre o emprego dos meios do USMC e da USN nas Operações Ribeirinhas ocorridas na Guerra do Iraque (2003-2011) e o emprego dos meios da ARC nas Operações Ribeirinhas ocorridas no Conflito Armado Interno na Colômbia (2000 - 2010).

Visando atingir tal propósito, nosso estudo foi apresentado em seis capítulos.

No primeiro capítulo apresentamos como procedemos nossa pesquisa, para chegarmos ao resultado da nossa comparação entre o emprego dos meios nos dois objetos de estudo. No segundo, foram apresentados os principais conceitos doutrinários de Operações Ribeirinhas, que serviram de base conceitual para compreensão dos dois casos de Operações Ribeirinhas a serem comparados. Para melhor compreensão de como foi realizado o emprego dos meios, nos remetemos inicialmente aos principais conceitos da doutrina estadunidense e sua evolução, e observamos que, após Guerra do Vietnã, o USMC e a USN, passaram empregar seus meios de formas diferentes em relação às Operações Ribeirinhas, resultando na degradação da interoperabilidade entre essas Forças, assim como na escassez de doutrina conjunta atualizada. Vimos também os conceitos da doutrina da ARC, decorrentes da vasta experiência no combate fluvial contra narco-insurgentes,

No terceiro capítulo, buscamos evidenciar o emprego dos meios do USMC e da USN nas Operações Ribeirinhas realizadas na Guerra do Iraque (2003 - 2011). Para isso iniciamos com a contextualização desse complexo conflito, no qual focamos nossa pesquisa na segunda fase da *Operation Iraqi Freedom*. Identificamos as principais características da hidrografia da ARib iraquiana, assim como, da complexa e perigosa ameaça insurgente, que buscava a desocupação das Forças da Coalizão. Em seguida iniciamos nossa abordagem para evidenciar o emprego dos meios da USMC, entre 2003 e 2006, os quais percebemos que a *Small Craft Company* foi empregada intensivamente controle fluvial do Rio Eufrates, sendo a

a única Companhia especializada em operações com embarcações do USMC naquele período. Apesar do esforço da SSCo, concluímos sua capacidade ribeirinha ainda era limitada em relação às demandas operativas da MEF. A partir de 2006, foram empregados os *Riverines Squadrons* da USN nas Operações Ribeirinhas, marcando uma nova capacidade ribeirinha estadunidense, capitaneada pelo NECC. Após analisar as capacidades das *Riverine Squadrons* consideramos que permitiam um alcance maior operacional, e mostraram isso realizando participando de Operações Conjuntas, Interagências, com Forças Multinacionais e com organismos civis.

No quarto capítulo, procuramos evidenciar o emprego dos meios da ARC nas Operações Ribeirinhas realizadas no conflito armado interno colombiano, apresentando um breve histórico buscando contextualizar a participação da ARC e o surgimento das ameaças narco-insurgentes no conflito, em seguida identificamos as principais bacias hidrográficas onde eram realizadas as Operações Ribeirinhas. Vimos também que o Plano Colômbia implementado em 1999, no governo do presidente Pastrana (1998-2002) norteou o emprego de meios nas Operações Ribeirinhas. Verificamos também que combate aos narco-insurgentes foi potencializado no governo do Presidente Uribe (2002–2010) alcançados bons resultados. Em seguida apresentamos as principais características da hidrografia da Área Ribeirinha colombiana, enfatizando os rios principais. Sobre o emprego de meios, concluímos que para controlar a vasta malha fluvial, as BRFFIM foram posicionadas estrategicamente nas bacias hidrográficas e empregava seus meios em um sistema de combate e controle fluvial, combinando a mobilidade e o poder de combate dos *Grupos de Combate Fluvial*, com o controle fluvial permanente realizado pelos Elementos de Combate Fluvial instalados nos *Puestos Fluviales Avanzados*, visando assim, impedir o uso das hidrovias pelos narco-insurgentes.

No quinto capítulo, apresentamos a análise comparativa, buscando evidenciar

similaridades e singularidades do emprego dos meios nos dois casos apresentados. Na análise levamos em consideração a Concepção Estratégica adotada pelas Marinhas, as ARib, as ameaças insurgentes, assim como a comparação dos meios empregados.

Neste capítulo, concluiremos o trabalho apresentado os resultados do estudo, sugestões de possíveis pesquisas futuras e sugestões de possíveis aplicabilidades na Marinha do Brasil

Com base, no resultado da análise comparativa realizada, concluímos que:

1. Em relação as similaridades apontadas, em ambos os casos, constatamos que as Lanchas de Combate foram os fundamentais para realização das duas Operações Ribeirinhas estudadas., sejam em caráter de expedicionário, seja para Segurança Interna. Entre as características similares, podemos considerar o emprego de lanchas de combate velozes, artilhadas com metralhadoras e lança-granadas, dotadas de sistema de comunicação marítima e terrestre, inseridas em pequenas frações dotadas de pelo menos, quatro lanchas de combate;
2. As Marinhas, estruturaram sua capacidade ribeirinha, formando organizações de combate exclusivamente para operar com Lanchas de Combate, como foram os casos da *Small Craft Company* do USMC e os *Riverine Squadrons* da USN. Da mesma forma, a *ARC* concentrava suas lanchas combate junto aos Elementos de Combate Fluvial, inseridos no *Batallón Fluvial de Infantéria de Marina*;
3. O emprego dos *Riverines Squadrons nas Operações Ribeirinhas* no Iraque, demonstrou sua singularidade relacionada a sua versatilidade de capacidades, que lhes permitiu ser empregados no amplo espectro das operações, na Área Ribeirinha peculiar iraquiana, o que foi potencializado pelo apoio meios disponíveis das Unidades da Naval *Expetionary Combat Command*. Dessa forma, sua configuração mostrou ser um modelo eficiente para emprego de meios em Operações Ribeirinhas de caráter expedicionário;
4. O Emprego dos meios da BRFIM realizado nas Operações Ribeirinhas na Colômbia,

demonstrou também sua singularidade, devido a sua capacidade de poder empregar seu *Grupo de Combate Fluvial*, constituídos Unidades Navais que proporciona a sustentabilidade logística e o poder de fogo para os *Elementos de Combate Fluvial e os Grupos de Asalto Fluviales*. Além de realizar, o controle fluvial permanente e avançado, por meio de seus *Puestos Fluviales de Avazandos*. Dessa forma, concluímos, que o sistema de controle fluvial adotado pelas BRFIM mostrou ser uma modelo padrão, de emprego de meios em Operações Ribeirinhas serem adotadas em prol da Segurança Interna. contra ameaças narco-insurgentes.

Por último, visando a possível aplicabilidade em nossa Marinha do Brasil, sugerimos o estudo relacionado a implementação de uma Organização de Combate especializada em operar embarcações, para emprego expedicionário.

## REFERÊNCIAS

BASSET, Williams B. *The Birth of Modern Riverine Warfare: U.S. Riverine Operations in the Vietnam War*. Newport: Naval War College, 2006.

BENBOW, Robert; ENSIMINGER, Fred; SWARTZ, Peter M.; SAVITZ, Scott; STIMPSON, Dan. *Renewal of Navy's Riverine Capability: A Preliminary Examination of Past, Current, and Future Capabilities*. Virginia: The CNA Corporation, 2006.

BRASIL, Marinha do Brasil. Política Naval. Brasília, 2019.

BRASIL, Estado-Maior da Armada. EMA-305. Doutrina Militar Naval. Brasília, 2017.

BRASIL, Ministério da Defesa. MD35-G-01. Glossário das Forças Armadas. 5 ed. Brasília: 2015.

BRASIL. Decreto nº 99.165, de 12 de março de 1990. Promulga a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar. Brasília, 12 mar. 1990. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1990/decreto-99165-12-marco-1990-328535-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 03 julho 2020.

COLÔMBIA, Armada de la República de Colombia. *ARC 3-105 Operaciones Fluviales*. 3. ed. Bogotá, 2006.

COLÔMBIA, Departamento Nacional de Planeación. Armada Nacional – *Adquisición y dotación de unidades de seguridad y control fluvial a nivel nacional*. Bogotá, 2008. Disponível em: <[https://spi.dnp.gov.co/App\\_Themes/SeguimientoProyectos/ResumenEjecutivo/0047002530000.pdf](https://spi.dnp.gov.co/App_Themes/SeguimientoProyectos/ResumenEjecutivo/0047002530000.pdf)>. Acesso em: 10 junho 2020.

COLÔMBIA, Ejército Nacional de Colombia. *Manual de Acción Integral*. Bogotá, 2007.

\_\_\_\_\_. *MCE 3-24.0 Manual de Guerra Irregular*. Bogotá, 2018.

COLÔMBIA, Infanteria de Marina. *Desarrollo Unidades Fluviales de Infantería de Marina*. Bogotá, 2015. Disponível em: <<https://anfibioscolombia.org/archivos/443>>. Acesso em: 05 julho 2020.

\_\_\_\_\_. *História de la Infanteria de Marina*. Bogotá, 2016. Disponível em: <<https://anfibioscolombia.org/wp-content/uploads/2016/01/historia-infanteria-de-marina-en-colombia.pdf>>. Acesso em: 01 julho 2020.

ESCUELA SUPERIOR DE GUERRA. Bogotá: Acevedo, 2017. ISSN: 2500-8404. Disponível em: <<https://revista.egn.mar.mil.br/index.php/revistadaegn/article/view/446>>. Acesso em: 02 julho 2020.

\_\_\_\_\_. DOD Dictionary of Military and Associated Terms. Washington, 2020. Disponível em: <<https://www.hsdl.org/?abstract&did=813130>>. Acesso em: 17 junho 2020.

\_\_\_\_\_. *Military Support to Stabilization, Security, Transition, and Reconstruction Operations (SSTRO) Joint Operating Concept (JOC)*, Version 2.0, Washington, 2006. Disponível em: <[https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Doctrine/concepts/joc\\_sstro.pdf?ver=2017-12-28-162022-680](https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Doctrine/concepts/joc_sstro.pdf?ver=2017-12-28-162022-680)>. Acesso em: 16 junho 2020.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, Department of the Navy. *A cooperative strategy for 21st century seapower*. Washington, 2015. Disponível em: <<https://www.hsdl.org/?view&did=479900>>. Acesso em: 22 junho 2020.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, Joint Chiefs of Staff. *JP 3-32. Joint Maritime Operations*. Washington, 2018. Disponível em: <[https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Doctrine/pubs/jp3\\_32.pdf?Ver=2019-03-14-144800-240](https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Doctrine/pubs/jp3_32.pdf?Ver=2019-03-14-144800-240)>. Acesso em: 24 junho 2020.

ESTES, Kenneth W. *U.S. Marines in Iraq, 2004-2005: Into the fray*. Washington: History Division United States Marine Corps, 2011.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científica*. Belo Horizonte: UFMG, 2007. 255 p. (Coleção Aprender).

FITZGERALD, Paula M. *Small Craft Company fills niche on Iraq's river*. U.S. Marines News, Camp Pendleton, 22 Mai. 2004. Disponível em: <<https://www.1stmardiv.marines.mil/News/News-Article-Display/Article/540632/small-craft-company-fills-niche-on-iraqs-rivers/>>. Acesso em: 08 junho 2020.

MALDONADO, Ruben L. *Coastal Riverine Force Analysis*. 2012. 90 f. Tese (Master of Military Art and Science) – United States Army Command and General Staff College, Carlisle Brracks, 2018. Disponível em: <<https://www.hsdl.org/?view&did=830396>>. Acesso em 07 julho 2020.

MAROLDA, Edward J. *Riverine Warfare: The U.S. Navy's Operations on Inland Waters*. Washington: Naval Historical Center, 2006. Edição do Kindle.

MARSTON, Daniel; MALKASIAN, Carter. *Counterinsurgency in Modern Warfare (Companion)*. New York: Bloomsbury Publishing, 2002. Edição do Kindle.

MERCHÁN, Nelson Ancízar Hernandez; MOGOLLÓN, José Holver Vera. *Análisis prospectivo y estratégico de la infantería de marina de la República de Colombia al año 2030*. 2017. 200 f. Dissertação (Magister em Pensamiento Estratégico y Prospectiva) – Universidad Externado de Colombia, Bogotá, 2017. Disponível em: <[https://bdigital.uexternado.edu.co/bitstream/001/696/1/ASA-Spa2017\\_Análisis\\_prospectivo\\_y\\_estratégico\\_de\\_la\\_Infanter%C3%ADa\\_de\\_Marina\\_de\\_la\\_%20República\\_Trab.pdf](https://bdigital.uexternado.edu.co/bitstream/001/696/1/ASA-Spa2017_Análisis_prospectivo_y_estratégico_de_la_Infanter%C3%ADa_de_Marina_de_la_%20República_Trab.pdf)>. Acesso em: 20 junho 2020.

MOUTJOI, Shane. *Rivers in Word History: The Tigris and Euphrates Rivers*. Broomal: Chelsea House Publishers, 2005. Edição Kindle.

MULLER, Christopher W. *USMILGP Colombia: Transforming Security Cooperation in the*

*Global War on Terrorism*. Monterey, 2006. 92 p.

PERÚ, Ejército del Perú. *La transformación de las Fuerzas Armadas em América Latina ante el crimen organizado*. Lima, 2019.

REVISTA DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL. Rio de Janeiro: Rippel, 2006. ISSN: 1809-3191. Disponível em: <<https://revista.egn.mar.mil.br/index.php/revistadaegn/article/view/446>>. Acesso em: 12 junho 2020.

SANDWAY, Gregory. *War on the River: Development of Joint Expeditionary Riverine Officers*. 2010. 31 f. Strategy Research Project (Master of Strategic Studies) – United States Army War College, U.S. Army War College, Carlisle Barracks, 2010. Disponível em: <<https://www.hsdl.org/?view&did=713515>>. Acesso em: 15 junho 2020.

SCHEFFER, Jason B. *The Rise and Fall of the Brown Water Navy: Changes in United States Navy Riverine Warfare Capabilities from the Vietnam War to Operation Iraqi Freedom*. Fort Leavenworth: United States Command and General Staff College, 2005. Edição kindle.

STOLZEMBURG, Michael A. *Unified Vision of the future: Riverine Squadrons and the Security Cooperation MAGTF*. 2008. 118 f. Tese (Master of Military Art and Science) – United States Army Command and General Staff College, Carlisle Brracks, 2008. Disponível em: <<https://apps.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a482961.pdf>>. Acesso em 06 julho 2020.

UNITED NATIONS, Food and Agriculture (FAO). *AQUASTAT Transboundary River Basins – Euphrates-Tigris River Basin*. Rome, 2009.

## ANEXO A



Figura 1: Bacia Hidrográfica Eufrates e Tigre.

Fonte: <https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/>

[geos/print\\_iz.html](https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/geos/print_iz.html)

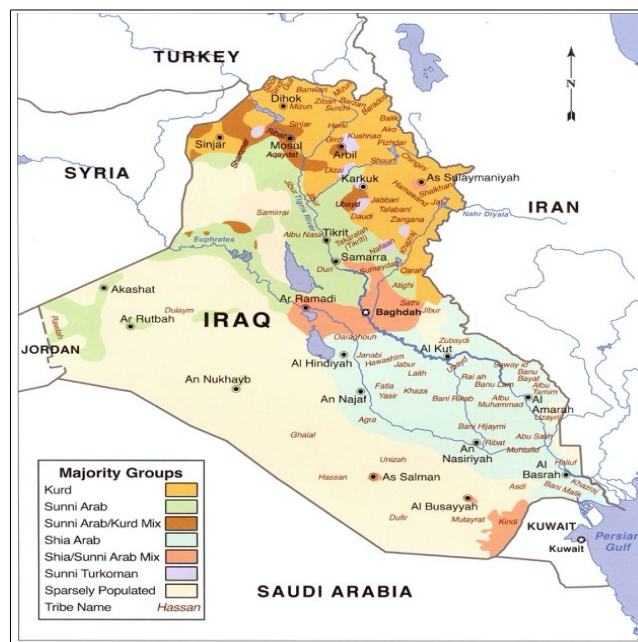


Figura 2: Mapas de grupos étnicos e religiosos do Iraque

Fonte: ESTES, 2011.



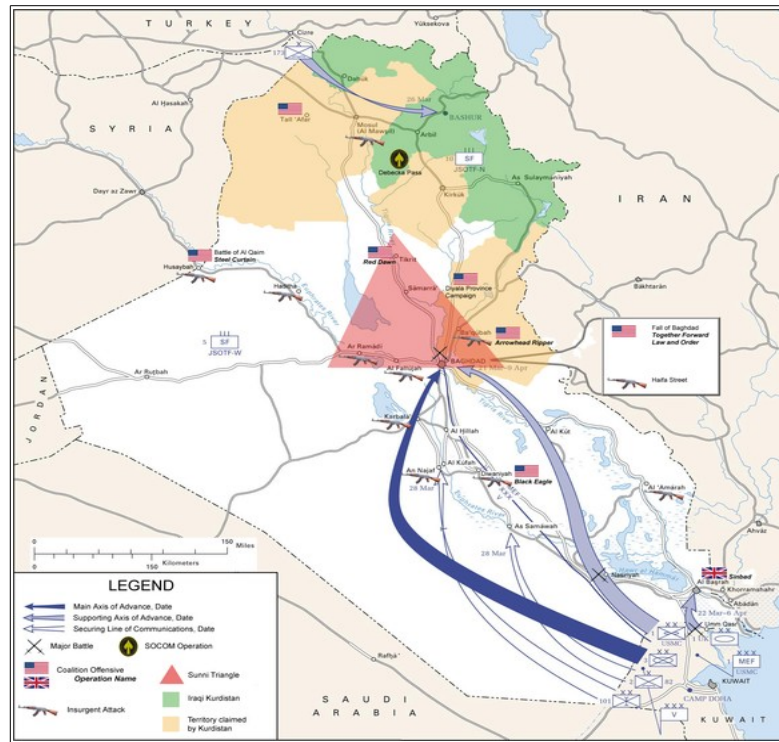


Figura 3: Triângulo Sunita.

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_do\\_Iraque#/media/Ficheiro:Iraq-War-Map.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Iraque#/media/Ficheiro:Iraq-War-Map.png).



Figura 4: Área de Operações da I MEF

Fonte: ESTES, 2011.

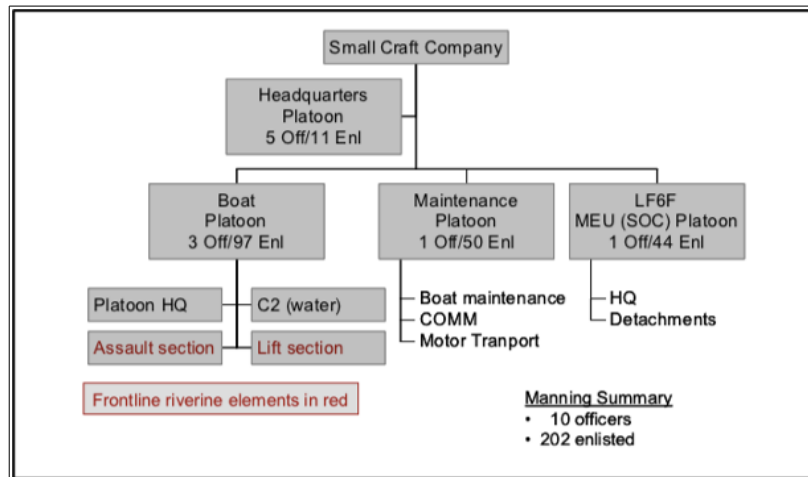


Figura 5: Organograma da *Small Craft Company*.

Fonte: BENBOW, 2006.



Figura 6: *Combat Rubber Raiding Craft*.

Fonte: <https://www.nara.getarchive.net/media/us-marine-corps-usmc-lance-corporal-lcpl-walter-price-iii-headquarters-hq-platoon-fafb>.



Figura 7: *Small Unit Riverine Craft (SURC) / Riverine Patrol Boat (RPB)*

Fonte: <https://www.hsdl.org/?view&did=830396>

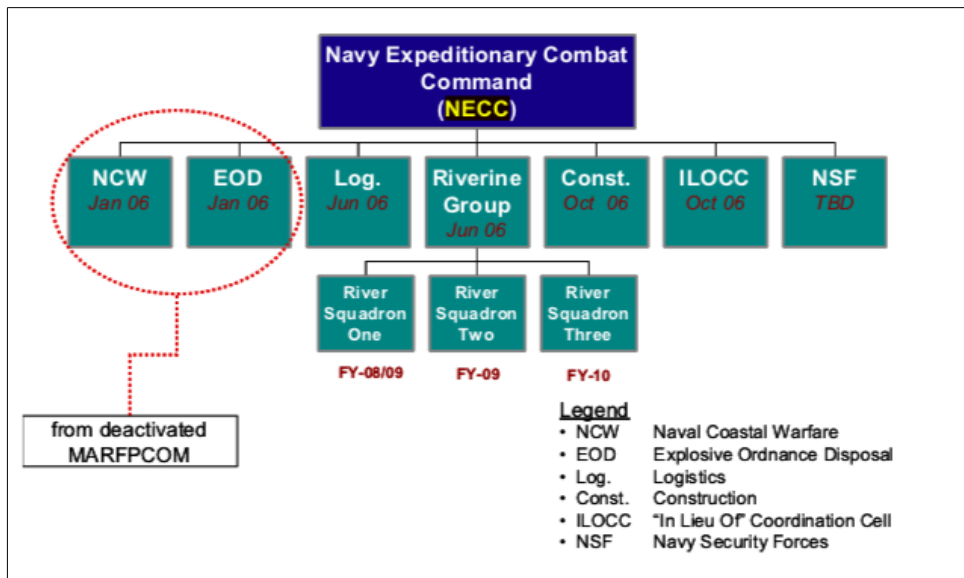


Figura 8: Organograma do *Naval Expeditionary Combat Command*.

Fonte: BENBOW, 2006.

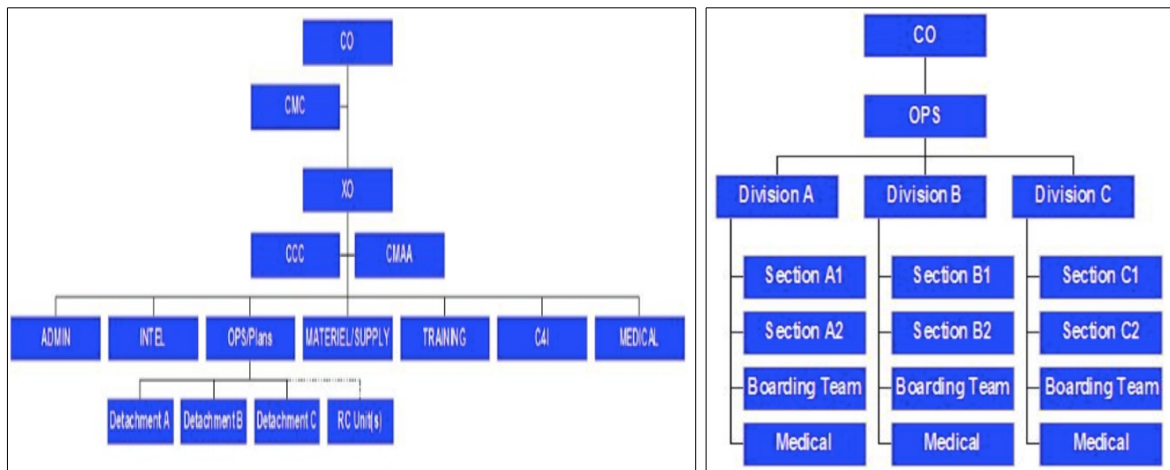


Figura 9: Organograma dos *Riverine Squadrons*.

Fonte: BENBOW, 2006.



Figura 10: Bacias Hidrográficas da Colômbia.

Fonte: <https://www.corpoboyaca.gov.co/pomca/>.



Figura 11: Desdobramento das *Brigadas Fluviais de Infantaria de Marina*.

Fonte: COLÔMBIA, 2008.

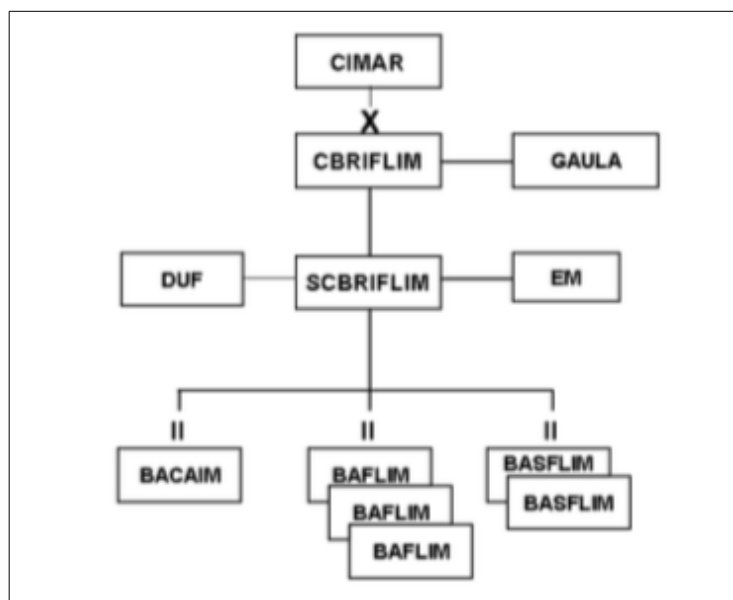


Figura 12: Organização da BRIFIM

Fonte: COLÔMBIA, 2007.



Figura 13: *Patrulleras de Apoyo Fluvial Pesado*

Fonte: COLÔMBIA, 2007.



Figura 14: *Elemento de Combate Fluvial.*

Fonte: COLÔMBIA, 2007.

## ANEXO B

NAVY TACTICAL TASK	NAVY MISSION-ESSENTIAL TASK	TYPE OF OPERATION			
		Maritime Security	Patrolling and Interdiction	Theater Security Cooperation	Assault Support
1.1.2.3	Move Units	X	X	X	X
1.1.2.3.4	Conduct Convoy Operations	X	X	X	X
1.1.2.3.7	Conduct Small Boat Operations	X	X	X	X
1.1.2.4	Conduct Tactical Insertion and Extraction		X		X
1.2	Navigate and Close Forces	X	X	X	X
1.4.6	Conduct Maritime Interception	X	X		
1.4.7	Enforce Exclusion Zones	X		X	
1.5.5.4.1	Secure an Area	X	X	X	X
1.5.5.6.1	Conduct Patrols	X	X	X	X
2.1.3	Conduct Collection Planning and Directing		X		
2.2	Perform Collection Operations and Management	X	X	X	X
2.4.4.4	Evaluate the Threat	X	X	X	X
2.5	Disseminate and Integrate Intelligence	X	X	X	X
3.1.1	Request Attack	X	X	X	X
3.1.5	Conduct Tactical Combat Assessment		X		X
3.2	Attack Targets	X	X		X
3.2.8.2	Illuminate/Designate Targets	X	X		X
3.2.9	Conduct Nonlethal Engagement	X	X		X
4.12.1	Perform Triage	X	X	X	X
4.12.11	Provide Medical Staff Support	X	X	X	X
4.12.2	Provide Ambulatory Health Care	X	X	X	X
4.12.5	Coordinate Patient Movement	X	X	X	X
4.12.9	Train Medical and Nonmedical Personnel	X	X	X	X
4.3	Repair/Maintain Equipment	X	X	X	X
5.1.1.1	Transmit and Receive Information	X	X	X	X
5.2.1.2	Review and Evaluate Mission Guidance	X	X	X	X
5.2.1.3	Review Rules of Engagement	X	X	X	X
5.3	Determine and Plan Actions and Operations	X	X	X	X
5.4.4	Establish Liaisons	X	X	X	X
6.1.1.1	Protect Individuals and Systems	X	X	X	X
6.3.2.1	Manage Enemy Prisoners of War	X	X		X
6.3.3	Combat Terrorism	X	X	X	

Tabela 1: *Riverine Mission Essential Task List (METL)*.

Fonte: STOLZEMBURG, 2008.